

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social

Washington Luís Santos Oliveira

**Kalunga do Rosário:  
um documentário contracolonial com o Reinado da Irmandade Os Leonídios**

Belo Horizonte  
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social

Washington Luís Santos Oliveira

**Kalunga do Rosário:  
um documentário contracolonial com o Reinado da Irmandade Os Leonídios**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação Social.

Aluno: Washington Luís Santos Oliveira  
Orientadora: Profa. Dra. Luciana de Oliveira

Belo Horizonte  
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social

301.16  
O48k  
2023

Oliveira, Washington Luís Santos  
Kalunga do Rosário [manuscrito] : um documentário  
contracolonial com o Reinado da Irmandade Os Leonídios /  
Washington Luís Santos Oliveira. - 2023.  
102 f. : il.  
Orientadora: Luciana de Oliveira Oliveira.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas  
Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.  
Inclui bibliografia.

1. Comunicação – Teses. 2. Congadas - Teses. 3. Rosário,  
Nossa Senhora do, Festa de – Teses. 4. Espiritualidade – Teses.  
5. Documentário (Cinema) – Teses. I. Oliveira, Luciana de  
Oliveira. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de  
Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

**"Kalunga do Rosário: um documentário contra-colonial junto com a Irmandade Os Leonídios (Oliveira-MG)"**

**WASHINGTON LUIS SANTOS OLIVEIRA**

Dissertação aprovada pela banca examinadora constituída pelas Professoras:

Prof<sup>a</sup> Luciana de Oliveira - Orientadora  
DCM/FAFICH/UFMG

Prof<sup>a</sup> Maria Aparecida Moura  
DCI/UFMG

Prof<sup>a</sup> Ivania dos Santos Nevesi  
UFPA

Prof<sup>a</sup>. Bárbara Regina Altivo  
UFMG

Belo Horizonte, 30 de maio de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Luciana de Oliveira, Professora do Magistério Superior**, em 31/05/2023, às 19:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Aparecida Moura, Membro de comissão**, em 01/06/2023, às 08:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Bárbara Regina Altivo, Usuária Externa**, em 02/06/2023, às 15:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Paula Guimaraes Simoes, Coordenador(a) de curso de pós-graduação**, em 03/07/2023, às 19:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

Dedico este trabalho aos que vieram antes de mim, aos meus ancestrais que me fizeram conhecer um pouco sobre a Espiritualidade e o Rosário de Maria. Eles que, ao longo dos tempos, através da oralidade que caracteriza nossa forma de construção do saber, fizeram ressoar as mandingas, mirongas, belezas e afetações do Reinado do Rosário.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Nzambi, por viver e por me permitir compreender minimamente o processo da espiritualidade e os encantamentos do Reinado. Aos Nkises, sobretudo meu pai, Nsumbo, e minha mãe, N'Dandalunda, por me trazerem tranquilidade e caminho na trajetória do mundo. A todos os guias e mentores espirituais: Pai Joaquim de Angola, Pai Serra Negra, Palhinha de Ouro, 7 Encruzilhadas, Pombagira Menina. À minha mãe, Regina Célia, e ao meu pai, Célio Wellington, suportes divinos que me trouxeram a este plano e me auxiliam nesta aventura de viver. À mestra e Doutora Pedrina de Lourdes Santos, pelos ensinamentos sobre o Reinado do Rosário, À Irmandade Os Leonídios, na qual nasci e me criei e sempre foi seio de afeto, experiências e trocas familiares. Aos amigos e amigas que tanto vibraram positivamente e contribuíram em diversos momentos desta pesquisa. A todos o meu *Nzambi N'quatesá* (Deus abençoe). *Ngasakidila* (Obrigado)!

## RESUMO

Na pesquisa, descrevo os modos como a espiritualidade atua no Reinado a partir de um trabalho de base territorial com a Irmandade Os Leonídios (Oliveira-MG), na qual sou formado como Capitão. Com base nessa perspectiva "de dentro", interessou-me especialmente, focar os processos de comunicação intermundos – entre o mundo espiritual e o mundo terrenal – que ativam encantamentos e criam/recriam os objetos-imagens do Reinado de Nossa Senhora do Rosário. Tais objetos-imagem pulsam, vibram, comunicam e produzem cura espiritual e física, num contexto não-linear do tempo: o tempo ancestral do Reinado e sua ação contra-colonial. Para demonstração de minha hipótese, lanço mão da realização de um documentário que prioriza o caráter sensível da ação dos objetos-imagem num gesto tentativo de dar-a-sentir o invisível.

Palavras-chave: Reinado do Rosário; Comunicação Intermundos; Espiritualidades; Documentário

## **ABSTRACT**

In my research, I describe the ways in which spirituality operates in the Reinado from a territorial base work with the Brotherhood Os Leonídios (Oliveira - Minas Gerais - Brazil), in which I graduated as a Captain. Based on "from within" perspective, I was especially interested in focusing on the interworld communication processes – between the spiritual world and the earthly world – that activate enchantments and create/recreate the object-images of Our Lady of the Rosary's Queenship. Such image-objects pulsate, vibrate, communicate and produce spiritual and physical healing, in a non-linear context of time: the ancestral time of Reinado and its counter-colonial action. In order to demonstrate my hypothesis, I make a documentary that prioritizes the sensitive character of the action of image-objects in a tentative gesture of make-it-feel the invisible.

Keywords: Reign of the Rosary; Interworld Communication; Spirituality; Documentary

## SUMÁRIO

Carta à leitora, leitor e leitore	9
Imagear o Reinado I	13
Reinado de Oliveira e os Leonídios	18
Racismo e Ferida Colonial	31
A festa de 13 de maio	35
Negritude como contragolpe	38
Objetos-imagem potentes: A força do Reinado	40
Espiritualidade que afeta e produz cura	43
Comunicação intermundos	46
Como documentar o invisível do Reinado sensivelmente?	48
Mas o que não dar a ver nos processos do Reinado?	52
A filmografia visitada	53
Os processos de filmagem	57
Imagear o Reinado II	60
Os processos de montagem	93
Considerações Finais	96
Referências	100

## **CARTA A: LEITORA, LEITOR, LEITORE**

Permitam-me começar pelo fim! A decisão de fazer o mestrado e, através dele, tentar expor o que o meu olhar, já treinado, consegue ver sobre o Reinado do Rosário de Oliveira, na Irmandade Os Leonídios, surge após trocas internas com meus primos e o desejo de levar para a academia uma temática que me é cara e que, acredito, tem muito a ensinar a todos, todas e todes. Ou seja, a decisão se deu em família, como tudo o que fazemos, inclusive produzir conhecimentos. As lógicas do parentesco nunca estiveram ausentes e são potência (e não problema) em nossos regimes de conhecimentos afrodiaspóricos.

Aos poucos, a ideia foi amadurecendo, também, após contatos com tantos professores queridos e professoras queridas, pesquisadores(as) que viam nessa temática, no meu lugar de Reinadeiro<sup>1</sup> e, também, de pesquisador acadêmico, uma potência não só para lançar o olhar sobre a temática a ser estudada, mas também para construir outras formas de estudá-la, ao colocar em diálogo (que depois descobri poder chamar de interepistêmico) as duas posições de meu eu múltiplo e muitas vezes atravessado pela espiritualidade. Diante disso, decidi encarar a jornada e propor um olhar diferente dos que já versaram sobre o tema, partindo da proposição prática-experimental-experiencial-conceitual de um documentário.

A intenção de pesquisar os objetos-imagem, conceito que vou adensando ao longo da pesquisa, decorre da percepção de que os objetos no Reinado ganham força, pulsam e são capazes de produzir curas sejam elas físicas, interiores, espirituais e mentais. Eles são também objetos carregados de poder, que emanam energia e (re)conectam a uma ancestralidade real – aqui não estou me referindo à dicotomia entre realidade e ficção – mas à realeza ancestral e, como diz minha Tia e Mestra Capitã Pedrina (2022), de "realeza transcendental".

Mas como dar-a-ver as comunicações que reverberam partindo desses objetos? Se são encantados, quem encanta? De que forma e de que maneira é possível? Que ritualísticas estão envolvidas? É o caso de dar-a-ver ou dar-a-sentir? Essas perguntas surgiram e passaram a guiar a forma de pesquisa. Vi-me em um momento em que, mais

---

<sup>1</sup> Quem vive as tradições do Reinado de Nossa Senhora do Rosário com fé e devoção.

do que versar sobre o processo de comunicação que ocorre dos objetos com as pessoas, considerava importante mostrar de alguma forma como tudo isso ocorre. Mas não era para demonstrar. O procedimento nunca foi o da comprovação. O dar-a-ver que me moveu é sensível, não pretende afetar pela racionalidade da argumentação, mas, sim, pela convocação dos sentidos, pela ação dos objetos-imagem que continua quando eles se transformam também em imagem fílmica. Assim, durante os processos de filmagem e montagem foi ganhando materialidade o dar-a-sentir que tanto almejava. Por que, afinal, todas as perguntas se sintetizam em uma: como dar-a-ver o invisível, já que o invisível é o que, magicamente, torna o objeto, imagem.

Durante a escrita desta carta, inclusive, o corretor ortográfico me sugeriu uma mudança: de **os objetos são encantados**, para **os objetos estão encantados**. Diante disso, fiquei pensando em algumas possibilidades, então, senhor corretor! Mas, ora, dizer que os objetos estão é falar e considerar sobre algo momentâneo, passageiro, instável, cuja influência e afetação têm duração limitada e **NÃO!** Isso **NÃO É VERDADE!** Eles pulsam, vibram, afetam e comunicam porque possuem essa capacidade herdada numa relação com um agente muito importante e sobre o qual falarei ao longo da pesquisa: **A ESPIRITUALIDADE**. Os objetos-imagem são, portanto. Eles têm uma ontologia própria, embora possam atuar e manifestar-se de diversas formas e em diversos estados desse ser. Quanto mais longo o seu ciclo de existência e ação, mais imantados se tornam. Então, querido corretor, agora e em alguns momentos, durante a escrita, vou te contrariar: **OS OBJETOS-IMAGEM SÃO!**

A espiritualidade tem um papel fundamental na constituição **do ser** desses objetos-imagem, no encantamento e na potência que carregam. Falo disso ao longo do trabalho, embora também esteja consciente das dificuldades em trazer essa dimensão à racionalidade científica e depuração operadas pela Ciência Moderno-Colonial, que é uma parte, a meu ver, sintomática das inúmeras situações de sofrimento mental a que tive acesso, seja como *Tata de Nkisi*, seja como acadêmico-colega ou professor-assistente de minha Tia, nas aulas da Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG (2017). Entretanto, com base no conceito de comunicação intermundos, a que referenciarei adiante, tento refletir sobre as várias formas de afetação cosmopolítica dos objetos-imagem a partir da relação com os agentes

invisíveis que se comunicam durante a Festa e direcionam de forma bem influente sobre como ela deve ocorrer.

Uma forma interessante para dar-a-ver por meio do gesto de dar-a-sentir, o que propus foi a realização de um documentário que se atentou para as sensibilidades que, por vezes, um olhar externo ao Reinado não tem. No diálogo possível com produções fotográficas e fílmicas já existentes, ao longo da pesquisa da dissertação, resalto qualidades que vi em produções muito bem feitas e procuro ler as imagens de forma intuitiva e com um olhar interno, o que confere aproximações que considero produtivas para os estudos das imagens no campo da comunicação e para a nossa linha de pesquisa Pragmáticas da Imagem. Quando falo de qualidades, não necessariamente me refiro a aspectos positivos, nem a conceitos já consagrados pelas teorias da imagem, mas proponho pensar que as imagens são relações de diversas naturezas, inclusive de conhecimento. Além disso, ao falar sobre dar-a-ver o invisível das imagens ("para quem não tem olhos de ver") e o inaudível ("para quem não tem ouvidos de escutar"), seja no gesto analítico, seja nos gestos de filmar e montar, aponto para as relações entre a agência afetiva das imagens e os saberes – no meu caso, os saberes tradicionais afrodiáspóricos e, mais especificamente, os saberes do Reinado de Nossa Senhora do Rosário. Quero dizer que viver e produzir imagens tem muito a ver com viver e produzir conhecimentos.

Por isso, para efetivamente mostrar alguns aspectos da comunicação intermundos, da agência da espiritualidade e da composição performática dos objetos-imagens em ação, resolvi produzir um documentário sensível e atento a questões que considero importantes para apresentar as formas de ação espiritual que conferem força a esses objetos. Pretendo apresentá-lo, na defesa, não como mera ilustração dos conceitos discutidos aqui, mas como parte intrínseca da compreensão do que pretendo enunciar. É uma leitura de imagens em ação!

Quando eu disse que iria me permitir começar do fim, é porque, para chegar à compreensão que tenho hoje, foi necessária uma trajetória grande dentro do Reinado. Começo ainda criança como dançador para vivenciar os encantos do Reinado, fui príncipe-kongo no Reinado de São Benedito, mas ainda na pré-adolescência eu saio da festa porque minha mãe, Regina Célia, filha caçula de Leonídio João dos Santos e Ester

Rufino Borges<sup>2</sup>, decidiu professar outra fé e se converteu ao protestantismo, passando a frequentar a Igreja do Evangelho Quadrangular do bairro Icaivera em Betim-MG, onde residimos.

Diante disso, eu passei também a frequentar essa igreja até os 17 anos. Quando, tocado pelos sons do Reinado, faço o movimento de volta às origens, me compreendo como um homem gay negro e de valores culturais-religiosos Afro-Brasileiros e me inicio também, em 2008, no *kandomblé* nação Angola e começo a atuação como capitão na guarda de massambique de Nossa Senhora do Rosário. A dissertação que apresento agora é parte de um processo de autorrecuperação, valendo-me do dizer de bell hooks (2019b), que tem muitas dimensões: pessoal, acadêmica, espiritual, sentimental e ancestral. Porque não chego até aqui ileso.

Vivenciei e vivencio o racismo, a homofobia, a discriminação religiosa e o classismo todos os dias. As colonialidades fazem reviver a ferida colonial e os nefastos rastros de uma dívida impagável, como diz Denise Ferreira da Silva (2019). As reparações são necessárias em muitas dimensões e em muitos mundos. Mas é também uma pesquisa por autodefinição, para reencontrar meus nomes e um ponto de vista coletivamente afirmado nas vivências de minha negritude. Por hora, não farei isso seguindo uma estrutura tipo edifício, comum à escrita acadêmica. Ofereço-te um conjunto de 13 notas que podem ser relacionalmente lidas de forma autônoma ou como um conjunto cuja montagem também é parte da leitura. Em alguns momentos, como metodologia, vou me valer de transcrições de gravações que fiz, a partir de minhas observações, porque a oralidade pulsa em mim e esse método é muito eficiente e tem dado fluidez ao que quero expressar.

Uma das notas é composta por imagens, a maior parte advindas de nossos arquivos familiares ou feitas por parceiras como Myriam Villas-Boas, Davi Marques, César Augusto e Sidnei Almeida. Eles e ela são fotógrafos que souberam captar, por diferentes motivos, com sensibilidade nossos saberes performados, nossas oralituras. Foram pessoas acolhidas no seio da Casa Azul que não nos capturaram com suas câmeras, mas tiveram a gentileza e o respeito de desenvolver conosco relações primeiro

---

<sup>2</sup> Fundadores da Irmandade Os Leonídios e do território sagrado da Casa Azul, como detalharei no decorrer do texto

e depois imagens, assim como nos devolveram nossas imagens e nos deram autonomia para usá-las em nosso proveito. Os comentários às imagens, nessa nota, intitulada "Imagear o Reinado II", estão **negritados** e grafados em fonte **Ubuntu**. A fuga ao padrão ABNT não é acidental. Tais comentários aparecem entre chaves porque são chaves que utilizei para abrir caminho ao documentário sensível que gostaria de oferecer ao mundo. As legendas são longas e expressam processos e sentimentos de minha relação com as imagens e também de explicação, dentro do que é possível, de nossas tradições contemporâneas. No intento de refundação de arquivo, as legendas também produzem fabulação crítica, seguindo a sugestão viva de Saidyia Hartman (2022), na medida em que não subordinam a imagem ao texto e ressaltam a realeza transcendental do Reinado - nada de folclore, nada de espetacularização, nada de canibalização como, muitas vezes, tem se visto por aí nas nomeações de imagens de corpos e coletivos negros.

À maneira de uma oferenda, a montagem da minha escrita foi ganhando os adornos no curso mesmo de seu adensamento. Espero que a acolha de forma poética. Afinal, a estética é uma ética e os povos negros têm vivido isso de forma digna e respeitosa. Os diálogos aqui são multisaberes e a presença de agências invisíveis é real.

## **IMAGEAR O REINADO I**

Os Reinados de Nossa Senhora do Rosário, também conhecidos como Congados ou Congadas, são muitas vezes caracterizados como uma expressão da religiosidade popular que mescla elementos das cosmologias africanas com o cristianismo com forte presença no estado de Minas Gerais e em vários outros estados do Brasil. De uma forma geral, pesquisas acadêmicas sobre tais rituais festivos afro-brasileiros destacam as tradições históricas, usos e costumes de Angola e do Congo, com apropriações diversificadas de elementos ibéricos cristãos (LUCAS, 2002; MARTINS, 1997). Seguindo a interpretação e o estilo filosófico-experiencial da Capitã Pedrina de Lourdes Santos (2022), vejo o Reinado – e nesse caso, é Reinado e não congado/congada – como uma festa africana e como um grande trabalho de cura espiritual dos gigantes

legados da escravização que não têm efeitos apenas no plano terreno, mas também no plano espiritual. Voltarei a esse ponto.

A presença dos Reinados é notável (e notada) especialmente pelos rituais públicos como cortejos e procissões que se fazem com cantos, danças, objetos, imagens de santos, rezas e símbolos. Um dos acontecimentos mais importantes e mais conhecidos do Reinado é uma festa que ocorre anualmente em datas compreendidas no período de agosto a outubro, de acordo com tradições específicas das irmandades que as realizam, com homenagens à Nossa Senhora do Rosário e aos demais santos padroeiros que compõem essa festa: Nossa Senhora das Mercês, São Benedito e Santa Efigênia. Há também, a depender dos saberes-fazeres das comunidades reinadeiras, outros santos e santas que também são homenageados. Optei por citar aqui os mais conhecidos. Nesse período, são realizados diversos tipos de ações rituais como novenas, procissões, cortejos com cantos e danças, além do levantamento de mastros – este último indica o início oficial da festa – e da coroação de reis e rainhas.

Vale ressaltar que os Reinados se caracterizam por estilos de invenção próprios aos modos de existência das comunidades afro-brasileiras em contextos moventes de diálogos interculturais e ativações/recriações de memória. Conforme destaca Leda Martins (1997), o principal conceito para compreender as relações entre as tradições que vieram da África junto com as pessoas na condição de escravizadas e aqui recriados como sistemas de saberes ancestrais é a noção de encruzilhada ligada ao Orixá Exu, na tradição yorubá, e ao *Nkisi N'pambju N'zila*, nas tradições bantu:

Os Congados, ou Reinados, são um sistema religioso alterno que se institui no âmbito mesmo da encruzilhada entre os sistemas religiosos cristãos e africanos, de origem banto, através do qual a devoção a certos santos católicos (...) processa-se por meio de performances rituais de estilo africano, em sua simbologia metafísica, convenções, coreografias, estrutura, valores, conexões estéticas e na própria cosmovisão que o instauram. (MARTINS, 1997, p. 74)

A encruzilhada, como o lugar das várias possibilidades, de muitos caminhos, de conexões múltiplas e lugar de domínio de *Exu/N'zila*, é também um lugar de produção de conhecimento e que faz ligação com as diversas tradições que compõem nossa cultura:

Nessa concepção religiosa e filosófica da gênese e da produção espiralada do conhecimento, a encruzilhada é um princípio de construção retórica e metafísica, um operador semântico pulsionado de significância, ostensivamente disseminado nas manifestações culturais e religiosas brasileiras de predominância nagô e naquelas matizadas pelos saberes bantos. (MARTINS, 1997, p. 75)

Nesse sentido, trazer a encruzilhada como referência conceitual é primordial para o entendimento do princípio dinâmico de comunicação. Uma mescla de início-fim, destino-final e ponto de atravessamento de saberes que existem e resistem ao longo dos tempos e que provocam conexões diversas de afetação, sobretudo por pairar no "entre" das formulações do mundo. Pensar na encruzilhada como os vários atravessamentos possíveis, em possibilidades múltiplas de subversão e como disponibilidade para novos rumos de entendimento do mundo, faz dela, ao mesmo tempo, potência de (re)criação e arma de contra-golpe ao colonialismo, com bem sugere Luiz Rufino (2019):

A noção de encruzilhada emerge como disponibilidade para novos rumos, poéticas, campo de possibilidades, prática de invenção e afirmação da vida, perspectiva transgressiva à escassez, ao desencantamento e a monologização do mundo. A encruza emerge como a potência que nos possibilita estripulias e nesse sentido miremos a descolonização. Certa vez, uma preta velha me soprou ao ouvido: “Meu filho, se nessa vida há demanda, há também vencedemanda”. Dessa forma, se a colonialidade emerge como um carrego colonial que nos espregia, obsedia e desencanta, a descolonização ou decolonialidade emerge como ações de desobsessão dessa má sorte. (RUFINO, 2019 p. 13)

Trabalhar a encruzilhada como lugar-potência nos atravessamentos do mundo é então, recorrer à ancestralidade, observando legados, projeções, afetos e afetações. Invocar os ancestrais como princípio de comunicação só se faz possível na pluralidade da encruzilhada.

Makota Valdina Pinto, no livro *Meu Caminhar, Meu Viver* (2015), ao ler as tradições bantu a partir do pensamento de Fu-Kiau e de sua experiência no candomblé de nação Angola, evidencia que Exu é conhecido como Unjira. É ele a energia ancestral responsável por todos os caminhos. Por isso, considera a encruzilhada como lugar de concentração de poder: "estar numa encruzilhada significa estar num ponto de tomada de decisão e isso vale para tudo. A todo momento estamos em situação de decidir o que iremos fazer, que rumo tomar. A encruzilhada não é o mal, mas sim um lugar de grande concentração de poder" (PINTO, 2015, p. 165). Makota Valdina assinala, portanto, a

importância de se desmistificar o lugar diabolizado que foi dado a Unjira nas sociedades hegemonicamente cristãs e se esforça para positivar a sua essência ancestral e todas as suas formas de aparição e reprodução dentro das religiões afro-brasileiras.

O N’kisi Unjira, como a própria palavra já diz, é o caminho, o remédio do caminho. Depois das reverências aos bakulu, os ancestrais, Unjira é o primeiro N’kisi a ser reverenciado, não para afastá-lo dos demais, nem para mandá-lo embora pra não fazer confusão, mas para mandar a mensagem e conduzir com equilíbrio os caminhos dos nossos rituais. [...] É sua atribuição ser o guardião do caminho, e quem não tem caminho não pode andar ou, quem escolhe andar por um caminho que não é o seu, não pode avançar (PINTO, 2015, p. 164).

O que pretendo analisar e dar-a-ver, por meio desta pesquisa e da realização de um documentário, é como ocorrem as interações entre as pessoas, os objetos-imagem<sup>3</sup> do Reinado de Nossa Senhora do Rosário, na Irmandade d’Os Leonídios, em Oliveira, no centro-oeste de Minas Gerais. Essa, portanto, é uma pesquisa de caráter territorial. Ela é localizada e é feita junto com diversos tipos de agências, temporalidades e espacialidades, provocando o encontro entre o conhecimento acadêmico e saberes-fazeres do Reinado. Com isso, pretendo perceber como se estabelece o processo de comunicação que envolve diferentes linguagens, imagens e objetos e como, a partir desse processo, é possível construir uma experiência de cura.

Desde o meu engajamento experiencial como intelectual reinadeiro e interesse acadêmico como pesquisador em formação no mestrado de Comunicação Social, compreendo que os Reinados agenciam e conectam elementos e fazeres de diferentes modos de existência a partir de matrizes africanas que se traduzem em práticas de proteção, autocuidado e manutenção da vida. Há muitos estudiosos acadêmicos – sociólogos, antropólogos, historiadores, folcloristas etc. – que chamam esses processos de invenção de sincretismo religioso. Isso ocorre especialmente na relação de santos católicos e entidades/M’kisi do candomblé, na sua composição performática, desdobrando práticas e experiências singulares que criam e mobilizam narrativas, conhecimentos, corpos e objetos poderosos. No entanto, tratam-se de refinados processos de tradução intercultural e de táticas de sobrevivência (SANTOS, 2022).

---

<sup>3</sup> Objetos-imagem é um conceito fundamental na pesquisa e será trabalhado mais à frente.

Num cenário em que se instauram e proliferam, em processos de longa duração histórica, manifestações de violência contra os povos, saberes e religiosidades de origem africana no Brasil, leva-se aqui em consideração um cenário controverso que resvala na continuidade direta com processos de marginalização de tais formas de vida e que, simultaneamente, faz-se produzir por sujeitos/sujeitas e coletivos insurgentes, desestabilizadores, que geram estranhamentos e problematizações, compondo outros modos de existência que desafiam os princípios ocidentais de constituição da pessoa e de suas relações no/com o mundo. Neste sentido, a fé e os rituais afro-brasileiros – como aqueles vivenciados nos Reinados – foram fonte de resistência e criatividade ao longo dos séculos de escravização e ainda o são hoje, após a abolição oficial (que nunca foi uma abolição de fato), quando persistem as formas de racismo e desigualdades estruturais no país e no mundo.

Na experiência dos Leonídios – família-irmandade-território ao qual pertença –, há, para além dos rituais públicos, um conjunto de rituais e fundamentos que ocorrem no interior do espaço sagrado da irmandade, conhecido como Casa Azul. A pesquisa pretende, com todo o respeito, adentrar nesses processos e os modos como eles agenciam a comunicação intermundos (OLIVEIRA; ALTIVO; FIGUEROA; 2021). Como intelectual Reinadeiro, conheço bem os limites para essa ação, os limites de nossos segredos e aquilo que não pode ser registrado.

Meu objetivo é perceber e analisar como o que estou nomeando como objetos-imagem do Reinado passa a ser afetado pela espiritualidade que neles atuam e ganham força, pulsam, ressignificam o espaço, rememoram a ancestralidade, comunicam e fazem sentir. A partir da filmagem e montagem de depoimentos, momentos e imagens de arquivos – especialmente aquelas imagens já realizadas sob a inspiração de referenciais teóricos de reinadeiros/reinadeiras e pensadores/pensadoras de sensibilidade decolonial –, pretendo alcançar uma compreensão sensível de como se dá o processo de cura da ferida colonial<sup>4</sup> nas práticas e conhecimentos guardados

---

<sup>4</sup> A noção de ferida colonial vem tanto de meu aprendizado prático no Reinado quanto dos diálogos com o pensamento da Capitã Pedrina de Lourdes dos Santos, minha tia, bem como dos diálogos com a pesquisadora Bárbara Regina Altivo (2019), que utilizou essa ideia em sua pesquisa de doutorado também sobre o Reinado em Oliveira, mas trabalhando especificamente com as crianças. Bárbara, por sua vez, inspirou-se, além da intelectualidade arguta de Tia Pedrina, no pensamento imagético-performático de Jota Mombaça e sua série "A ferida colonial ainda dói", na qual Mombaça intervém com inscrições realizadas com seu próprio sangue em representações relacionadas à história e à geopolítica colonial,

ancestralmente pelas comunidades Reinadeiras e transmitidas, sobretudo, por legado oral. Vale ressaltar que considero por decoloniais aqui, sobretudo, aqueles(as) autores(as) que usam de outro caminho para entendimento do mundo, libertando-se da ideia de que a produção do conhecimento surge apenas de uma episteme essencialmente eurocêntrica e euro-exclusivista.

## REINADO DE OLIVEIRA E OS LEONÍDIOS

*Fruto de oliveira, oliva, fruto de oliveira ôh viva!  
Óia os negros Leonídeos,  
Óia os negros  
Leonídeos eles batem tambor  
de alegria,  
eles batem tambor pra louvar Maria.*

O Reinado do Rosário é, para além de tudo já sabido e exposto, uma forma afro-diaspórica de resistência e re-existência, de ativação de conexões ancestrais e valorização de um saber-fazer herdado por legado e que, conduzido pela espiritualidade, é importante tecnologia de mediação geradora de cura física e subjetiva de várias pessoas da comunidade e do entorno das irmandades. O Reinado potencializa encontros e comunicações que transcendem o mundo físico. São trocas que envolvem muitos agentes encarnados e desencarnados e em vários contextos e momentos históricos. Na cidade de Oliveira-MG, por óbvio, não é diferente. A energia que envolve o Reinado é notada e relatada por diversas pessoas que passam pela experiência de participar dos festejos. De maneira geral, muitas contam sobre emoções e afetos que vêm à tona quando “a *ngoma* chora” – expressão usada pelos reinadeiros para se referir ao momento em que são ouvidos os toques das caixas. Isso se deve ao fato de que as experiências sensíveis do Reinado se conectam ao nosso corpo e à nossa memória ancestral, de forma tão intensa, que nosso corpo responde e transmite uma realidade mágica de comunicação espiritual.

Oliveira é uma cidade do interior do estado de Minas Gerais, a 160 quilômetros da capital Belo Horizonte e com mais de 42 mil habitantes, de acordo com censo do

---

como mapas da União Europeia e do tráfico de africanos escravizados, livros da biblioteca colonial, revistas e monumentos.

IBGE<sup>5</sup>. A cidade, que ficou conhecida primeiro como “caminho ou picada de Goiás”, era, no século XVIII, o único acesso possível para se chegar até o Centro-Oeste do país. A região também era um quilombo, conhecido como Quilombo do Ambrósio, para onde fugiam pessoas negras escravizadas (FONSECA, 1961). Abaixo, mapa de localização da cidade de Oliveira- MG (imagem 1):



Imagem 1: localização da cidade de Oliveira no mapa do estado de Minas Gerais.

Fonte: Wikipedia. Acesso em: 15/09/2022

---

<sup>5</sup> OLIVEIRA. Informações sobre a cidade de Oliveira-MG. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Oliveira\\_\(Minas\\_Gerais\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Oliveira_(Minas_Gerais)). Acesso em: 05/04/2022.



Imagem 2: Mapa do Quilombo do Ambrósio. Fonte: Silva Filho; Amorim Filho; Castro, 2011.

Na cidade, o Reinado de Nossa Senhora do Rosário é uma tradição muito antiga, que remete ainda ao tempo do cativo nas memórias de reinadeiros e reinadeiras. Do ponto de vista historiográfico, o registro levado em conta é o do estatuto da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário data de 1860 (RUBIÃO, 2010). Hoje em dia, a duração do Reinado, em Oliveira, é de nove dias, na primeira semana de setembro, em louvor aos santos padroeiros (N. Sra. do Rosário, N. Sra. das Mercês, São Benedito, Santa Efigênia e N. Sra. de Aparecida). Nesse período, ocorrem as festividades iniciadas pelo Boi do Rosário no primeiro sábado da festa. No domingo, temos a realização da alvorada ainda de madrugada, seguida da missa-conga pela manhã e, à noite, iniciam-se os cortejos do Reinado de Nossa Senhora do Rosário, que é realizado em dois dias: domingo e segunda. Na terça e quarta-feira, o Reinado é de Nossa Senhora das Mercês; e, na quinta, de São Benedito. Sexta-feira ocorre o Reinado de Santa Efigênia; sábado o de Nossa Senhora Aparecida; e no domingo o descendimento da bandeira e finalização da festa.

A duração é um dos fatores que distinguem o Reinado de Oliveira das demais festas e Reinados que ocorrem em outras cidades de Minas Gerais. Por tradição, uma festa que mobiliza a cidade e dura nove dias tem, por característica do tempo, um maior período de afetação na cidade e não há, aqui, nenhum tipo de juízo de valor (se é melhor ou pior que outras festas pela sua maior duração), mas é fato que os sons das *ngomas*<sup>6</sup>, as imagens de corpos(as) pela cidade seguem impactando por mais tempo. Vale ressaltar, no entanto, que não é a duração da festa que determina o nível de afetação dos objetos, mas a sua forma de encantamento ou, como explicarei mais à frente, sua transubstanciação em objetos-imagem.

Outro fator que considero bem importante e característico do Reinado de Oliveira é o grande percurso e os deslocamentos pela cidade. Vale lembrar que cada Reinado percorre vários bairros, fazendo com que a cidade toda seja alcançada, encantada e afetada pelo trabalho espiritual que ocorre. Cada Reinado parte de um lugar da cidade e se movimenta, relacionando-se com as pessoas, com a cidade de diversas formas e em diferentes cantos. Há um trabalho espiritual reverberando pela cidade em cada momento, nos trajetos percorridos durante os dias, em cada visita feita aos devotos que, agraciados e/ou entusiasmados com o movimento da festa, convidam os ternos para ir às suas casas, em cada trajeto de busca e guarda dos vários reis e rainhas com suas coroas. Esse deslocamento é intenso e significativo.

Um modelo emblemático dos Reinados, de forma geral, é cantar a diáspora e dançar, movimentando o corpo de forma a sentir a conexão ancestral que se estabelece e que permite uma forma de experiência de mundo que encanta, no momento do festejo, e reverbera depois dele. Afinal de contas, como bem pondera Leda Martins “...o corpo dança, vocaliza, performa, grafa e escreve”. (MARTINS, 2003, p. 21).

Estar no Reinado, sobretudo para homens negros e mulheres negras, é, ao mesmo tempo, ter uma experiência de cura, de redescoberta de si mesmo e de conexão com seus valores ancestrais de realeza e nobreza. Como destaca a capitã e mestra Pedrina, reinar é, antes de mais nada, exercer soberania de si (SANTOS, 2022).

---

<sup>6</sup> Palavra do *kimbundo*, uma das línguas *bantu*, que significa tambor, atabaque. Nome dado às caixas que são tocadas nos ternos para produzirem som.

Falar sobre Os Leonídios e mencionar o que recentemente e carinhosamente passamos a chamar de Casa Azul me traz conforto e muita alegria! Primeiramente, por fazer parte da Irmandade e ter no sangue a energia corrente de todos os ancestrais que fizeram e fazem parte dela. Minha posição de poder olhar de dentro me permitirá externar e dar-a-ver questões importantes dessa compreensão do *modus operandi* dos Leonídios, no que concerne às reverências no Rosário. Além disso, trazer uma dissertação e um documentário enraizados territorialmente no mundo em que a terra virou commodity também caracteriza o meu gesto como contra-colonial (SANTOS, 2015).

A Irmandade se inicia com o capitão Leonídio João dos Santos, meu avô, que infelizmente não conheci, e Sá Rainha Ester Rufino Borges, minha avó, com quem tive o prazer de desfrutar bons momentos até minha adolescência e início da juventude. Em 1964, ambos deram início às atividades com o terno de N. Sr<sup>a</sup> das Mercês, devido a uma graça alcançada por minha avó, que dissera que se meu avô fosse liberto do vício do álcool, ela serviria à Nossa Senhora. Mediante a graça alcançada, eles iniciam as atividades da Irmandade com o terno de Massambike de Nossa Senhora das Mercês<sup>7</sup>. Com o falecimento de meu avô em 1980, meu tio Antônio Eustáquio e minha tia Pedrina de Lourdes Santos deram sequência ao seu trabalho e vêm, até os dias de hoje, zelando pela Irmandade, que conta com outras dois ternos (Kongo de Nossa Senhora do Rosário, capitaneado por Kátia Aracelle, e Massambike de N. Sr<sup>a</sup> do Rosário, capitaneado por mim e pelos capitães Carlos Tadeu, Wellington Jonas e Ester Antonieta)<sup>6</sup>.

Figura central nos ensinamentos do Reinado e dos saberes-fazeres dos Leonídios está a capitã e Mestra Pedrina de Lourdes Santos<sup>8</sup> (citada já algumas vezes anteriormente), fonte de conhecimentos e de inspiração poética e política não só para esse trabalho, mas também para tantos outros já realizados. Por seu conhecimento e

---

<sup>7</sup> Aqui sigo as preferências afirmativas da Capitã Pedrina em utilizar a palavra *Massambike*, tal como utilizada pelos mais velhos e mais velhas, com quem ela mesma aprendeu, bem como a palavra “terno” em lugar da palavra “guarda”. Para mais detalhes sobre essas ações de afirmação e autodefinição, ver Santos (2022). Mais elementos dessa história podem ser encontrados com mais detalhes em Soares (2016); Altivo (2019); Santos (2022a; 2022b) e Santos (2021).

<sup>8</sup> A Capitã Pedrina, além do reconhecimento interno em sua comunidade reinadeira, obteve também o reconhecimento da Universidade Federal de Minas Gerais, tendo recebido o diploma de Doutora por Notório Saber em Comunicação Social no ano de 2022.

vivência, é a intelectual que mais me influencia no modo de pensar o Reinado e a quem comumente me reporto como principal pensadora do modo de ser-fazer Leonídio.

Da conceituação do que sejam fundamentos, mandamentos e sacramentos, ali reverenciados, às toadas entoadas tudo passa pelo convívio e pelos ensinamentos, sobretudo pela mestra Pedrina, que tem sido incansável nessa missão de ensinar e perpetuar os ensinamentos de sua caminhada.

Esse trabalho de resgate e reverberação de ensinamentos realizado por mestra Pedrina está intrinsecamente ligado ao que Leda Martins (1997) trabalha no conceito de “oralitura”, que é justamente, de acordo com a autora, uma ativação das memórias, dos saberes ancestrais que se traduzem e se manifestam pelo corpo, na *performance* profundamente poética e que ganha vida no exercício corpóreo-espiritual-mnemônico dos Reinadeiros:

Aos atos de fala e de performance dos congadeiros denominei oralitura, matizando neste termo a singular inscrição do registro oral que, como *littera*, letra, grafa o sujeito no território narratário e enunciativo de uma nação, imprimindo ainda, no neologismo, seu valor de litura, rasura da linguagem, alteração significante, constituinte da diferença e da alteridade dos sujeitos, da cultura e das suas representações simbólicas (MARTINS, 1997, p. 21).

Uma premissa muito importante que integra e sustenta esta pesquisa é a de que a presença da espiritualidade é fundamental para a ampliação da potência de afetação do Reinado em todas as suas dimensões. Nesse sentido, é muito importante perceber, compreender e considerar a ação direta que a espiritualidade tem na Irmandade Os Leonídios, através das várias entidades espirituais (exus, pombagiras, pretos velhos, marinheiros, erês, caboclos e boiadeiros) que, a seu tempo e modo, contribuem para o processo de encantamento dos objetos, participando dos processos e fundamentos locais da festa, instruindo e indicando caminhos e direções que, quando seguidos, resultam em um melhor funcionamento da dinâmica do Reinado local-transcendental.

Essa relação com a espiritualidade tem origem nos saberes-fazer de meus avós Leonídio João dos Santos, o capitão Leonídio, pedreiro; e Ester Rufino Borges, parteira. Ambos eram umbandistas e benzedores e profundos conhecedores de ervas e plantas. Minha mãe, Regina Célia, a caçula dos filhos, e também minha tia Pedrina sempre fizeram menção aos trabalhos espirituais que meus avós sempre fizeram em prol de quem os procurava. Uma das coisas que a capitã Pedrina sempre relata é que seus pais

tinham um terreiro que fora apedrejado certa vez e que o medo e os históricos de racismo religioso os fizeram se reunir apenas de forma muito escondida no interior de sua casa e induzir as filhas e filho a seguirem o caminho do catolicismo.

O fato é que, desde o início da Irmandade, os guias espirituais sempre estiveram presentes e, assim como em outros momentos da vida (salvo períodos de festejo público), sempre orientaram e orientam a caminhada de toda a família. Na geração de netos e netas de Seu Leonídio e Dona Ester, somos vários os que temos dons de diálogo com o mundo espiritual e, também nesse sentido, ao observar tais poderes aparecerem em seus filhos e sua filha, a Capitã Pedrina veio a se aproximar cada vez mais do espiritualismo – inicialmente pelo kardecismo e depois pelo Candomblé de Angola. Até hoje, essa presença da espiritualidade se traduz em ensinamentos sobre o Reinado e a prática que se deseja fazer na Irmandade, além de rememorar modos de fazer com que nossos ancestrais operavam. Desde as instruções iniciais até o último dia, o contato e presença da espiritualidade se dá de diversas formas, lugares, horários para explicar, ensinar, conduzir e encantar objetos com as necessidades do ano em que se processa o Reinado.

Minha experiência como Reinadeiro, capitão da guarda de Massambike de Nossa Senhora do Rosário e Tatetu de Nkise<sup>9</sup> me coloca em um lugar de privilégio epistêmico – frente a tantas formas de injustiça, disparidade, desigualdades socioeconômicas, étnicorraciais e, inclusive, epistêmicas – para esta produção de pesquisa e de documentário, uma vez que o trânsito nesse universo com as forças espirituais distingue meu estatuto daquele de um pesquisador que olhe esse fenômeno de fora, com olhar racionalista, mantendo a cisão entre sujeito e objeto típicas do pensamento Ocidental, e ainda com restrições de acesso e com pouca interação com a espiritualidade que se manifesta ali.

Há duas características das comunidades afro-brasileiras, apontadas pela antropóloga e ativista Juana Elbein dos Santos (1977), que parecem respaldar a minha posição aqui. O primeiro aspecto diz respeito ao fato de que as comunidades afro-brasileiras constituem um fantástico sistema de alianças em níveis horizontal e vertical “que estabelece um parentesco comunitário, recriando laços à semelhança das

---

<sup>9</sup> Nome dado ao(a) sacerdote no *kandomblé*, nação Angola, quando este(a) cumpre sua obrigação de sete anos após sua iniciação na religião.

linhagens e de formas da família estendida africana” (SANTOS, 1977, p. 31).. No horizontal, os laços de parentesco de sangue são restituídos (irmandade e afiliação) e isso implica uma organização hierárquica fundada no respeito à sabedoria de mais velhos e mais velhas, bem como na sabedoria da relação com o outro (irmão/a outra irmã). Mas a linhagem iniciática de consagração estabelece conexão não só com os demais iniciados, mas também com os antepassados e ancestrais da comunidade. Portanto, dá-se um outro nível de aliança: ele se torna um elo dessa corrente que une passado, presente e se estende para o futuro; o iniciado se torna parte de um todo hierárquico, com obrigações e deveres, tanto em relação aos seus "irmãos" e "pais", quanto em relação aos ancestrais e divindades cultuadas no terreiro.

A segunda característica das comunidades afro-brasileiras, ainda segundo a autora, é que, através da iniciação e da prática religiosa,

seus membros recebem, absorvem e desenvolvem um poder místico e simbólico — que é o conteúdo mais precioso da comunidade Ashé - que é o princípio que torna possível o processo vital. O Ashé é uma força que só pode ser adquirida por introjeção ou contato. Pode ser transmitida a objetos ou a seres humanos (SANTOS, 1977, p. 32).

A força do *Ashé* – que, traduzido às tradições bantu, chamamos de *Ngunzo* – é que mantém viva a vida da comunidade. Ele é o responsável pelo processo de iniciação e pela invocação das entidades cultuadas, durante a qual o mundo histórico, psicológico e cósmico negro se ritualiza. O *Ngunzo* é o princípio da comunicação intermundos no que tange à mediação entre o mundo no qual estamos encarnados e o mundo espiritual de entidades e antepassados.

Assim, mais do que estar presente em momentos de encantamento, a participação efetiva nos momentos rituais em que objetos são encantados e ressignificados pela ação da espiritualidade me permitiram dar-a-ver, no gesto documental, como esse processo de comunicação ativa a memória, gera força, vida e energia para que as experiências vividas na Irmandade tenham o poder de afetar e reposicionar as subjetividades de negros e negras como seres-no-mundo, restaurando sua imagem de reis e rainhas, fruto de uma ancestralidade esquecida. Todo esse processo, por consequência, confere aos(às) próprios(as) negros(as) a condição de se entender como potências e valorizar seus saberes-fazer.

Importante pontuar minha trajetória na Irmandade, uma vez que minha experiência se inicia, no Reinado, ainda muito novo, por volta de seis anos, quando danço no terno de Nossa Senhora das Mercês, até então o único no terreiro. Recordo que, aos meus 10 anos, em 1995, minha mãe, recém-convertida ao protestantismo, avisa-me, em frente à Igreja São Gonçalo, na cidade de Contagem, que, diante de sua conversão, não iríamos mais frequentar a casa nos períodos do Reinado e que seguiríamos as doutrinas da Igreja do Evangelho Quadrangular, no bairro Icaivera (Betim-MG), onde resido. E assim sucedeu: eu sempre tendo contato com primos(as) e tios(as) fora dos períodos de Festa do Rosário.

Na Igreja, eu cresci e segui em trabalhos internos, sendo integrante do grupo de louvor, dos estudos bíblicos, mas com uma chama que sempre se acendia quando ouvia as *ngomas* tocarem em algum lugar, quando os primos brincavam de “congadinho” ou quando assistia, por meio de fitas de vídeo, aos registros dos momentos de Reinado. Nesses momentos, eu sentia que, uma hora ou outra, faria o movimento de retorno ao Reinado e à Irmandade.

Quando cheguei à adolescência e início da juventude, ressignifiquei alguns valores e me sentia muito atraído e acessado pela cultura negra e valores ancestrais. Eu passei a perceber que estava perdendo o tempo de viver algo que era um chamado familiar e ancestral e que a memória que meu corpo tinha dos momentos vividos na Irmandade eram muito importantes e ainda pulsavam em mim. A partir desse momento, que coincidiu com o período em que ingressei na faculdade para cursar Jornalismo, acabei fazendo espontaneamente o movimento de retorno às minhas origens e tradições. Conheci, também, o candomblé e me entendi enquanto homem gay, e isso ressignificou positivamente minha vida. Não sem grandes processos de dúvida e sofrimento, conferiu-me autonomia e autocompreensão. A partir daí, voltei às práticas de aprendizagem com a mestra Pedrina e demais familiares que viviam o Reinado. Nesse novo ciclo, aprendi, fui consagrado capitão e me iniciei no Candomblé em 2008. Desde então, sigo me dedicando às vivências e ensinamentos da espiritualidade nos ofícios em que atuo como capitão e zelador de N'kisi.

Esse percurso que resumi foi de intensa participação, aprendizagem e interação com a espiritualidade. Nem tudo se aprende no mundo dos vivos. Tudo isso criou em



Como mencionei anteriormente, sou formado a partir do estilo de compreensão do Reinado da capitã e Mestra Pedrina, que é mentora da Irmandade Os Leonídios. Para ela e, por consequência, para mim, o Reinado do Rosário é um trabalho espiritual que se faz na cidade e que reverencia os M'kisi trazidos ao Brasil nos processos da diáspora africana. A tradução intercultural que se fez necessária em nome da sobrevivência entre os santos padroeiros com os M'ikisi reverenciados são: Nossa Senhora do Rosário (Kaiaia) Nossa Senhora das Mercês (N'Dandalunda), São Benedito (Mutakalambô/Mukongo), Santa Efigênia (Matamba) e Nossa Senhora Aparecida, que passa a constar nas bases da festa a partir de 1976.

As correspondências dos santos às divindades parte de uma associação dos elementos que eles dominam na natureza – no caso os M'ikisi e as similaridades percebidas nos santos padroeiros. Um exemplo disso é Mutakalambô, o senhor das matas, que é lembrado e reverenciado como caçador: aquele que traz a fartura, o alimento. E ele passa a ser então associado a São Benedito, na medida em que sua história o relata como o santo cozinheiro, que provê o alimento em contextos de escassez.

Muitos dos conhecimentos produzidos e reproduzidos no Reinado circulam por meio de cantos, por nós chamados de toadas, que caracterizam um regime de conhecimentos profundamente estético. Muitas toadas cantadas na Irmandade Os Leonídios lembram/ativam as relações de tradução citadas acima, como os exemplos abaixo:

*Hoje é dia de quem é de Danda*

*Hoje é dia de quem é de Danda*

Essa é uma toada cantada em louvor à Nossa Senhora das Mercês, cuja relação se percebe com *Nkisi* das águas doces, *N'dandalunda*.

*Ai olelê ô lê Ai o lelê ô o mukongo de orerê  
mukongo de angola kiuá kiuá kiuá*

Já essa é uma toada em louvor a São Benedito, cuja referência se faz a *Mukongo, Nkise* ligado à caça, à fartura, à comida.

*Ambia ambia  
N'vula mussambe  
Aê Angola  
Aê Ambia  
Aê Angola*

Aqui trata-se de um exemplo de toada em louvor a Santa Efigênia, que traz a palavra de origem *kimbundo ambia*, cujo significado é borboleta, símbolo-referência associado ao *Nkisi* dos ventos e tempestades, *Matamba*.

Esse processo de associação ou reconhecimento do *Nkisi* no contexto reinadeiro e presença de palavras africanas da língua *kimbundo* me lembra nesse momento algo que, para mim, é muito importante: o reconhecimento de si no próprio nome. Desde o processo da escravidão, nosso nome foi retirado e substituído por um eurocêntrico. Eu mesmo, nomeado Washington Luís, quando me iniciei há 14 anos no kandomblé recebi uma *djina* (nome em *kimbundo*) que é **Kamugenan**. A mestra Pedrina, **Segidangy**, meus primos e capitães, todos igualmente iniciados no kandomblé angola também se reconhecem no culto a partir de suas *djinas*, a saber: Ester, **Sambamocy**; Carlos, **Vulasean**; e Kátia, **Malungo Terebê**. Relembrar e refirmar as *djinas* é uma autodefinição e a valorização da dimensão cosmopolítica da comunicação intermundos.

É importante ressaltar que as compreensões sobre os Reinados, agenciamentos e relações divergem entre intelectuais Reinadeiros – evoco aqui a compreensão existente na irmandade os Leonídios. Toda conceituação e forma de culto é própria das

experiências que vivemos na Irmandade d'Os Leonídios. Vou citar um exemplo que mostra tanto a força das toadas como modo de transmissão de conhecimentos quanto a força/sabedoria de quem capitaneia – quem ocupa o lugar de Capitão ou Capitã – ou seja, de estabelecer as conexões espirituais. Começo pela toada:

*Oh capitão, capitão*  
*Papai morreu, mamãe já teve fim*  
*Vou pedir Nossa Senhora*  
*Vou pedir Nossa Senhora*  
*Pra tomar conta de mim*

Quando certa vez eu estava ao lado da também capitã, irmã de santo e prima biológica Ester Antonieta, cuja djina<sup>10</sup> é Sambamocy na porteira de entrada da Casa Azul, ouvi o massambique das Mercês, voltando da casa do Rei kongo no dia do reinado deles, eu os ouvi capitaneados pela mestra Pedrina cantando essa toada e isso muito emocionou a nós dois e fez memórias aos nossos que se foram em um pedido de proteção e cuidado. Certas toadas ficam registradas e incutidas na nossa mente, no nosso corpo. No modo de fazer Reinado dos Leonídios, a dimensão do canto da invocação aos ancestrais e de aprendizagem contínua com os mais velhos/mais velhas e com as entidades que se manifestam para o apoio e auxílio da festa são características marcantes.

Naquele momento, a capitã Pedrina e a guarda realizavam um pedido a Nossa Senhora com aquela toada e faziam uma rememoração dos nossos ancestrais, sobretudo minha avó, Ester Rufino Borges, e Leonídio João dos Santos, que deram vida à Irmandade e tudo por ela fizeram, cumprindo sua missão na perpetuação desse legado tão sagrado para nós. Por isso, ser da Irmandade Os Leonídios implica mergulhar nessa história e sempre reescrevê-la com atenção às coisas que nos têm sido ensinadas ao longo dos anos. A Casa Azul – como tem sido chamada pelos integrantes, apoiadores, amigos e amigas a sede da Irmandade – é não apenas o lugar de reunião para os festejos do Rosário, mas também um espaço de afeto e cura que possui poder acolhedor e tem

---

<sup>10</sup> Nome que é dado após a iniciação no *kandomblé*.

feito diferença na vida de muitos que por lá passaram e passam. Devido à sua localização e significância histórica em redes de solidariedade quilombola e de acolhimento/cuidado contra formas nefastas de violência colonizadora (no passado e no presente) em verdadeiros cenários de guerra, não é pouco dizer que se trata de um território de cura, de afeto e de autodefinição.

## **RACISMO E FERIDA COLONIAL**

Quando falamos em cura de uma ferida causada pela colonização, estamos nos referindo a um modo de opressão e supressão de valores e culturas a que o/a colonizado/a é submetido/a e que criou seres que foram anulados, invisibilizados, que perderam seu *status* político, suas identidades, suas existências, seus nomes, suas terras e seu trabalho. O racismo, gerado na construção de justificativas a essa grande violência, é o grande elemento estruturador e operador da opressão racial que, como nos fizeram ver as feministas negras, vem se interseccionado com as opressões de classe, gênero, sexualidade e território.

Frantz Fanon (2008), por exemplo, evidenciou que as estruturas sociais coloniais racistas são, por assim dizer, introjetadas na subjetividade do colonizado. Daí sua grande preocupação com o sofrimento psíquico ocasionado pelas máscaras brancas às pessoas negras. Mudanças nessa situação dependeriam de uma radical mudança nas estruturas sociais para a criação de um novo humanismo, em nada parecido com o humanismo excludente da lógica liberal. O racismo, para Fanon, pode ser entendido como um processo de aniquilamento contínuo da humanidade de pessoas negras e imposição da culpa por serem quem são. Assim reflete o autor a respeito do que se trata o racismo:

sentimento de inferioridade? Não, sentimento de inexistência. O pecado é preto assim como a virtude é branca. Todos esses brancos reunidos, revólver nas mãos, não podem estar errados. Eu sou culpado. Não sei de quê, mas sinto que sou um miserável (FANON, 2008, p. 125).

Assim, pergunta-se o autor de classe média martinicano, o jovem intelectual brilhante, aluno de Aimé Césaire que vivencia o racismo ao se deslocar para Paris. Quando as pessoas se dirigem a ele falando em *petit negre*, vê-se tratado como um ser

inferior, o que o faz reconhecer a enorme pressão sobre pessoas negras para que ajam e pensem como brancas. Compelido nas formas de tratamento, nas roupas, no modo de lidar com seu corpo, na linguagem e no jeito de falar, nas escolhas afetivo-sexuais: “O que quer o homem negro? Ele quer ser humano. Mas ser humano é ser branco, então o negro se vê compelido a ser branco de todas as formas” (FANON, 2008, p. 29) É a esse processo que Fanon chama de alienação colonial ou impossibilidade de pessoas negras se constituírem como sujeitos/sujeitas de sua própria história. Para o autor, mesmo que haja consciência de tudo o que está acontecendo, não basta compreender a situação de alienação no mundo e saber quem são os inimigos. É preciso mudar o mundo, não só a visão de mundo. Não é só uma luta de ideias, é uma luta prática. E tal alienação tem impactos subjetivos e objetivos. Por isso, é tão central a noção de máscara, que significa também *persona* na linguagem do teatro. Ser aceito pelo outro, porém numa sociedade em que a regra de humanidade é branca. Então, se um negro não se porta como branco, não consegue passar no crivo que a sociedade impõe. Toda vez que uma pessoa negra afirma sua humanidade, ela esbarra na barreira da raça/cor. A máscara branca pode até ser uma estratégia de sobrevivência, mas tem consequências objetivas e subjetivas.

Há ainda o fato de que, nas lógicas ocidentais eurocentradas, do ponto de vista filosófico, ser humano é ser racional. A emoção e a sensibilidade são relegadas ao campo da natureza e precisam ser controladas. Além disso, a humanidade ocidental está associada a atributos como avanço tecnológico, civilização, religião monoteísta e controle político pelo Estado. O corpo e o que dele emana precisam ser dominados. Mas, seguindo a trilha de Fanon, por mais que se esforce para ser branco, o negro continua sendo visto como negro.

Os processos de escravização que incluíram a extração do valor total dos corpos e o roubo dos territórios das pessoas escravizadas significaram, antes de mais nada, aniquilar subjetividades, anular e reduzir à coisa homens e mulheres negras – objetos que podem ser comprados, vendidos e, acima de tudo, controlados pela morte. Mas, ao mesmo tempo, para realizar essa nefasta missão, é preciso também construir imaginários que o sustentem como correto, justo e verdadeiro, obliterando o inconsciente coletivo e reproduzindo modulações discursivas que se perpetuaram ao longo do tempo histórico: anulação e desvalorização de tudo que vem de negros e

negras – a saber: nome, modos de existência, religiosidades, conhecimentos, cabelo, corpo e afins, impondo, a um só tempo, a ideia de superioridade racial branca e provocando cisões e fragmentações na pessoa negra que, em face disso, perde-se de memórias ancestrais e da realeza e altivez que constituiu os povos negros no continente africano e na diáspora, instaurando uma ferida difícil de cicatrizar.

Criou-se, a partir de um pensamento, sobretudo, europeu racista, a ideia de um ser solúvel, que nada vale, e esse ser é o/a negro/a. Achile Mbembe (2018), relendo o que tem sido agora chamado de afropessimismo em Fanon, afirma que isso se deve ao fato de “o/a negro/a ser aquele que vemos quando nada se vê, quando nada se compreende e nem se deseja compreender e nem se deseja, em qualquer lado que apareça” (MBEMBE, 2018). Ainda segundo Mbembe, o capitalismo foi um agente que se encarregou de acelerar o projeto de objetificação, a dar forma a essa espécie de fluxo solúvel e institucionalizado enquanto padrão de vida. Essa razão e forma de operar acabou por gerar em negros e negras uma tripla perda: nome, lar e *status* político.

Esse ser objetual que fizeram do/a negro/a a partir do processo colonialista e que se desdobrou no racismo é, de acordo com bell hooks, a negação do ser-sujeito. Sujeito é, para a hooks, aquele que “tem direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades e de nomear suas histórias” (hooks, 1989, p. 42). A ideia de controle, a partir da criação de um ser objetual, como bem analisa a bell hooks, faz parte da engenharia de controle racista que depende, sobretudo, de incutir nas mentes negras a perpetuação da ideia de inferioridade, incapacidade e não reconhecimento de sua história e identidade real.

Quem também fornece elementos importantes para pensar o racismo e seu poder destruidor, a partir do legado de Fanon sobre a relação entre racialidade e subjetividades negras, é a intelectual, artista e curadora Grada Kilomba. Em seu livro *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano* (2019), ela analisa o racismo, considerando que se trata de um fenômeno que opera em longa duração histórica que segue ainda atuante, ou seja, não é uma reencenação de um passado colonial, mas uma realidade trágica que ainda é negligenciada. A questão passa a ser entender como o racismo se reproduz pela negação do racismo e como, dentro desse dispositivo, como nos tornarmos sujeitos e descolonizarmos o próprio conhecimento para que nossas

questões possam ser enunciadas fora dos círculos brancos. Ao confrontar a epistemologia submetida aos interesses da sociedade branca, a autora reivindica que:

(...) qualquer forma de saber que não se enquadre na ordem eurocêntrica do conhecimento tem sido continuamente rejeitada, sob o argumento de não constituir ciência credível. A ciência não é, nesse sentido, um simples estudo apolítico da verdade, mas a reprodução das relações raciais de poder que ditam o que deve ser considerado verdadeiro e em quem acreditar. (KILOMBA, 2019 p. 53)

No Brasil, o racismo se estrutura por violências contínuas que seguem a programação de destruição de valores ancestrais dos negros e negras. Seja na forma de ação direta ou operando com sutileza e em aspectos simbólicos, procura-se anular e inferiorizar não apenas aspectos da cor da pele e características físicas como cabelo, mas também a cultura e a religiosidade afrobrasileira (OLIVEIRA; SANTOS; MENDES; SANTOS, 2021)<sup>11</sup>. Às vezes, esse racismo pode até mesmo se estabelecer com outra roupagem e de forma bem sutil para fazer parecer ser outra coisa. Contudo, trata-se de um racismo covarde, operado por quem não quer parecer/ser racista, mas opera e maneja muito bem essa arma letal.

Como bem aponta Abdias do Nascimento, “a escravidão constituiu neste prisma narcísico gerador de morte, o maior escândalo da história da humanidade.” (NASCIMENTO, 1978, p. 48). Nascimento (2016) aponta, a partir de análise de documentos oficiais do Estado, da Igreja Católica, de discursos presidenciais da época e de ideias de pesquisadores como Nina Rodrigues, que existe um genocídio do negro brasileiro sobretudo na representação social do negro. O autor demonstra, a partir de dados estatísticos de pesquisa, o esforço para o apagamento do negro com vistas ao embranquecimento da população. Um racismo velado de um mito da democracia racial para apagar a real presença de negros e negras no país.

Para Abdias, inclusive, a própria ideia de sincretismo religioso é uma forma de amenizar uma repressão violenta que sempre foi usada contra as religiões afro-brasileiras (NASCIMENTO, 2016). Ele compreende que todo processo de violência contribui para essa política de apagamento social e é um duro golpe para o povo preto. Toda essa engenhosa artimanha de opressão e destruição, que tem por base

---

<sup>11</sup> Discutimos as modulações discursivas das formas do racismo em contextos organizacionais e as lutas afirmativas de pessoas negras na justiça para terem o direito de autodefinição.

o racismo e a marginalização, causa dores e feridas que são compartilhadas ao longo de gerações que se veem convencidas de que são inferiores, piores, que não podem olhar, dizer, se expressar.

Lélia Gonzalez (2019b) ressalta as contradições de uma sociedade que valoriza aspectos culturais importantes cujo berço é africano, como a musicalidade do samba, e exalta personagens negros importantes nos esportes, como Pelé e Garrincha, mas que se recusa a notar e perceber o negro como protagonista e agente social os relegando à condição de indivíduos que naturalmente devem ocupar lugares subalternos:

Desde a época colonial aos dias de hoje, percebe-se uma evidente separação quanto ao espaço físico ocupado por dominadores e dominados. O lugar natural do grupo branco dominante são moradias saudáveis situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes formas de policiamento que vão desde os feitores, capitães do mato, capangas, até a polícia formalmente constituída. Da casa-grande e do sobrado até os belos edifícios e residências atuais, o critério tem sido o mesmo. Já o lugar natural do negro é o oposto. (GONZALEZ, 2019b, p. 246)

Muito se sabe acerca da experiência nefasta da escravidão e uma das consequências é a perda de autonomia, de poder olhar e de contemplar imagens, paisagens, corpos. Isso porque o olhar, como forma de poder, é capaz de tensionar, ressignificar e reposicionar o/a negro/a no mundo. Retirar o poder de ver o mundo e se perceber nele como agente-transformador e, ao mesmo tempo, tendo orgulho de sua ancestralidade e identidade é uma artimanha racista repetidamente usada.

## **A FESTA DE 13 DE MAIO**

*1888 naquele dia de ano  
estava dormindo no  
mato e soldado me procurando.*

Uma festa já tradicional não só em Oliveira, mas em diversas cidades que realizam o Reinado de Nossa Senhora do Rosário é a Festa da Abolição, realizada em diferentes dias do mês de maio e que faz memória ao período da escravidão com foco

no trajeto do sofrimento a que foram submetidos nossos ancestrais, mas também ao poder de superação e resistência. As festividades também fazem menção ao momento de “libertação” dos escravizados, a partir da publicação da Lei Áurea em 13 de maio de 1888, que declarava extinta a escravidão no Brasil.

Já foi mencionada aqui, e tratarei em outro tópico desta pesquisa de forma mais evidente e profunda, a relação entre Os Leonídios e a espiritualidade, que coordena, ensina e faz acontecer as festas na Irmandade. Um dos trabalhos espirituais importantes dessa Festa de 13 de Maio ocorre no campo do invisível e se institui na dimensão cosmopolítica da comunicação intermundos, que se estabelece num resgate temporal de espíritos que foram, quando encarnados, submetidos ao horror da escravidão e que ainda não conseguiram se livrar com perdão aos seus malfeitores. Mestre Pedrina, sempre que tem oportunidades de falar sobre a Festa da Abolição, considera que “essa festa existe para dar suporte ao Reinado e para ajudar a libertar espíritos que mesmo passados tantos anos, ainda se veem presos e ligados a quem os fez mal” (SANTOS, s.d., s.p.).

A compreensão dos trabalhos dessa festa para a Irmandade dos Leonídios, muito influenciada pelos pensamentos e ensinamentos de Pedrina e pelos detalhes trazidos, sobretudo, pelos pretos velhos – entidades diretamente ligadas e reverenciadas nesse contexto – tem sido cada vez mais expandida. O 13 de Maio é, portanto, um momento que apoia espiritualmente o Reinado, que ocorre em setembro, sendo uma força espiritual movente para que as funções sejam bem executadas quando o Reinado vier.

Outro aspecto também importante desse festejo é que são rememorados ali o contraste entre sofrimento no período de escravidão e glória recuperada pela coroa de Nossa Senhora do Rosário, considerada por grande parte da Irmandade como a coroa da *Nkise Kaiaia*. Estar nos festejos de maio é relembrar dor, sofrimento e alegria pela libertação, bem como representar os santos padroeiros que são considerados fundamentos para que a vitória de superação da escravidão fosse efetivada. Algumas toadas e as imagens poéticas que elas trazem exemplificam esses momentos:

*Acorda nêgo cativo acabou*

*Acorda nêgo cativo acabou*

*Nêgo era cativo e hoje nêgo virou sinhô.*

*Nêgo era cativo e hoje nêgo virou sinhô.*

*Hoje o cativo morreu*  
*Hoje acabou-se o cativo*  
*Agradeço a Santa Efigênia*  
*Pois a liberdade ela quem nos deu*  
*Tava durmindo*  
*Sá Rainha me chamouu Acorda nêgo cativo acabou*  
*No dia 13 de Maio, Fazendeiro tudo chorou.*  
*No dia 13 de Maio Fazendeiro tudo chorou.*  
*Chorou, chorou*  
*Cativo de nêgo acabou.*

Ao apresentar essa reflexão sobre a Festa de 13 de Maio como um momento auge de trabalho espiritual, vemo-nos diante de uma radical diferença entre regimes de conhecimentos. Enquanto intelectuais negros, cujos pensamentos em maior ou menor medida se ligam às tradições críticas do próprio Ocidente, analisam as consequências do racismo em termos históricos cuja base se vale das filosofias materialistas, dialéticas e/ou psicanalíticas, o Reinado preocupa-se com as consequências da escravização no plano espiritual. Não se pode deixar de mencionar que leituras marxistas de fenômenos religiosos, sagrados e transcendentais nos relegam ora ao plano da alienação, ora ao da falsa consciência histórica, atuando como amortecedores à luta de classes, verdadeiro "motor da história" e, conseqüentemente, da transformação. Não pretendo adentrar nessa densa discussão sociológica, cujo alcance extrapola os objetivos desta pesquisa. Mas não posso deixar de assinalá-la e me posicionar. Como dito anteriormente, a opção epistemológica aqui é colocar em diálogo a tradição antirracista do pensamento acadêmico com a do pensamento-ação reinadeiro, em condições de justiça epistêmica.

Quando pensamos nas maneiras de superação do racismo, é fundamental recorrer às memórias que esse trabalho do Reinado desempenha, trazendo os horrores do passado e a possibilidade de elaborá-lo, já que a ferida colonial não tem lastros apenas terrenos, mas que se espraiam também no plano espiritual. Por outro lado, o trabalho estético dos Reinados afirma nossa potência como realidades, não se tratando de

uma exaltação monárquica, mas da realeza e do poder que todo espírito, encarnado ou não, tem de aprender. Com isso, (des)construímos narrativas de opressão e desvalorização sem esquecer o sofrimento dos nossos ancestrais, mas bebendo da mesma fonte de luta e resistência para que a liberdade seja de fato conquistada.

Uma das reflexões que fazemos é sempre a de que relembramos o fato histórico, mas estamos cientes de que muita luta ainda é necessária para que a liberdade se torne efetiva a pretos e pretas que, após a Lei Áurea – promulgada muito mais pressões dos movimentos abolicionistas e também por pressões econômicas de uma nova era do capitalismo industrial –, foram jogados à própria sorte, sem ações de reparação, reconciliação ou reconhecimento do maior crime humanitário da história. Foi nesse contexto, sem romantismo de fato, que resistimos até hoje em um país que segue nas explorações e na ampliação dessa dívida impagável<sup>12</sup> gerada após sequestro e escravidão do povo africano.

## **NEGRITUDE COMO CONTRAGOLPE AO RACISMO**

Como espécie de contragolpe, diante das violências do racismo, destaco o conceito de negritude. Kabengele Munanga (2020), um dos principais divulgadores do conceito no Brasil, ressalta o orgulho do sentimento de pertença ao modo de ser-viver de negros e negras que, conectados/as com sua identidade e ancestralidade, fazem um movimento de afirmação identitária. Negritude, como contragolpe, é uma autodefinição orgulhosa de si, dos ancestrais e de saberes-fazeres do povo negro. Como ressalta Munanga, “se historicamente a negritude é, sem dúvidas, uma reação racial negra a uma agressão branca, não poderíamos entendê-la e cercá-la sem aproximá-la do racismo do qual é consequência e resultado” (MUNANGA, 2020, p. 15). Diante disso, é possível considerar a negritude como resposta e contragolpe à opressão e que bebe na fonte do entendimento dos valores pessoais e culturais afro-brasileiros. Mas, para além disso, a vantagem que a vivência de negritude traz é também a de conexão ancestral e orgulho

---

<sup>12</sup> A imagem da dívida impagável foi criada por Denise Ferreira da Silva (2018) e quer dizer que anos de apropriação, violência e expropriação afetaram e afetam em dimensões culturais, econômicas, sociais e políticas a vida de negros e negras, mas primordialmente, lembra que há pilares ontoepistemológicos do pensamento ocidental que normalizam e justificam a condição de morte que enfrenta a população negra.

da pertença de um povo batalhador, conquistador, descendente de reis e rainhas que nos premiaram com a condição de guardiões de seus saberes ancestrais.

Há que se pensar, nesse momento, no projeto homem/mulher-coisa que criou seres anulados, invisibilizados, sem *status* político, sem identidade, a que os/as negro/as foram submetidos/as historicamente, tendo o racismo como elemento estruturador para concretização da opressão. Esse entendimento faz com que jovens de todo o Brasil se conectem, a exemplo do que foi o Encontro da Juventude de Terreiro, em 2012, realizado por um movimento de mesmo nome, do qual fiz parte de 2012 a 2017, que tinha como objetivo unir jovens convictos do seu legado ancestral, sobretudo no que diz respeito à vivência de suas espiritualidades, e ampliar seu conceito de negritude como um fortalecimento necessário à luta contra as práticas racistas. Resistir para (re)existir sempre será uma necessidade em um dos países que mais matam jovens negros no mundo. Se entender, se conectar, se aquilombar, a partir de uma noção de negritude passa a ser uma ferramenta necessária e potente para o combate.

A construção dessa consciência da negritude, no entanto, é um processo que requer tempo e dedicação. Isso se deve a um histórico de opressão com grande lapso temporal em que se instituiu de forma muito bem enraizada a ideia de que a anulação e desvalorização do ser negro/a fosse algo naturalmente dado e que se conformar com isso ou agir, meritocraticamente, para sair da posição subalterna fosse uma realidade disponível para todos. Dessa forma, o que se instaurou no imaginário popular foi uma naturalização da condição do ser negro como subalterno e com a ilusão de que só não sai dessa posição quem não quer.

Pensar a vida pela consciência de negritude, no entanto, sugere que a pessoa se reconheça como negro/a, conecte-se a seus valores e ancestralidade e encontre caminhos para sair desse processo de anulação desenhado ao longo do tempo. Como estratégia de ampliação da consciência de negritude com ações práticas, destaco a ideia de aquilombamento, de se agrupar, se reunir com os seus. Sem querer me aprofundar no conceito, mas entendendo-o como uma reunião cujo afeto, valor e saber ancestral conduz a vivência, tomo-o como estratégia muito eficiente no combate ao racismo e à ideia de redução da memória afro-brasileira à escravidão. Isso é possível porque aquilombar agrega, traz para perto, reúne, soma forças e distribui poder.

Ainda nessa ideia de Quilombo como fortaleza de reação, lembro-me uma vez mais de Abdias do Nascimento. O quilombo, conforme explica Nascimento (2009, p. 205), não se desdobra na ideia do “escravizado fugido”, mas tem suas bases na “reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial” do negro/a com os seus.

Traçando um paralelo com o Reinado do Rosário em suas várias reuniões, ao longo do ano, o que se busca fazer através dos encontros e reverências espirituais é, também, gerar um trabalho espiritual de cura das feridas criadas historicamente pelo colonialismo. O momento da reunião de negros/as para reverenciar os santos padroeiros, os *Nkises*, as entidades, é, também, esse lugar da acolhida, do afeto, da reafirmação dos nossos valores reais, de instauração da consciência de negritude que gera arma para a luta contra o racismo e suas reverberações de ódio.

O contragolpe que a negritude desfere contra a ideologia racial colonialista, que sempre desconsiderou todo tipo de saber-fazer afrocentrado, consiste em empoderar negros/as, a partir do entendimento de quem somos, de onde viemos e que forças nos transmitiram, por legado, nossos ancestrais. Essas consciências rememoradas são capazes de gerar indivíduos que se fortalecem para a luta contra o racismo em suas várias facetas.

## **OBJETOS-IMAGEM POTENTES: A FORÇA DO REINADO**

Interessa-me, nesta dissertação e no trabalho de realização de documentário que dela faz parte, pensar sobre os objetos sagrados do Reinado em suas múltiplas aparições: bandeiras, bastões, caixas, gungas, rosário, mastros, coroas etc. Mas não me interessa observá-los, descrevê-los e analisar sua agência. Interessa-me dar-a-ver o invisível desses objetos: o que eles oferecem às pessoas ou como eles agem. Interessa-me a energia que neles habita, que é tamanha e tão intensa e, por isso mesmo, capaz de rememorar uma ancestralidade não conhecida, uma realeza esquecida. A essa dimensão invisível, relacional e sensível estou chamando de imagem. No campo acadêmico, tem-se discutido o quanto a força da imagem comunica, faz sentir e cria, a partir da relação comunicação-linguagem e da afetação que causa no olhar-sentir, uma

capacidade de subverter o que estava posto e modificar o que estava dado. Várias discussões têm sido acionadas para elencar as diferenças sensíveis, cognitivas, relacionais e psicomotoras que estabelecemos com a escrita e a imagem, por exemplo (NOVAES, 2008). No caso do que estou chamando de objetos-imagem no Reinado, isso significa tensionar a relação de contexto, a tal nível que se reestruturam elos perdidos com o passado e a memória ancestral. Vejamos um exemplo a partir dessa imagem:

No Reinado do Rosário, o/a negro/a reconhece sua realeza, (re)vive a memória dos ancestrais, retoma seu lugar de poder-ser no mundo, retoma uma autoridade que lhe fora retirada e se conecta com a espiritualidade que acredita, confia e reverencia. Estar no Reinado é significativo não só para os que são pertencentes aos ternos, também conhecidos como guardas, mas para todos e todas que participam das experiências e vivências das festividades. Trata-se de algo que revigora energia, aumenta estima e dá fôlego para as atividades do dia a dia.

Os objetos-imagem que compõem essa realeza são como uma ponte entre mundos – o mundo que esse espírito habita agora e o mundo sagrado, espiritual, onde outras agências, tempos e espaços se constituem. É possível dizer que estamos diante de uma imagem. Esta pesquisa pretende, sobretudo, construir um entendimento do que essa dimensão é possível quando está afetada pela espiritualidade. Para compreender isso, é preciso, antes, pensar nos objetos-imagem a partir da separação desses termos e pensar, também, por que chegamos ao conceito de objeto-imagem. Falar em objetos significa, *a priori*, lidar com coisas inanimadas, estáticas, cuja representação, na maioria das vezes, já está dada e não muda (como, por exemplo, mesa, cadeira, portão etc.). O verbete objeto na Wikipédia faz considerar tudo o que está posto diante. Uma coisa material que pode ser percebida pelos sentidos.

Etimologicamente, a compreensão é de algo estático, imutável e, principalmente, sem agência. Ao pensar na perspectiva do Reinado do Rosário muitos objetos, porque são elementos colocados à frente e que geram a experiência sensível do pegar, existem nas diversas Irmandades, inclusive nos Leonídios. Porém, uma questão surge: os objetos do Reinado não são apenas objetos que alguém nomeou e que ficam estáticos, sem movimento. Eles têm ação, vibram, transportam energias diversas, a partir dos seus encantamentos e, portanto, não podem ser reduzidos a essa categoria de análise, nem à relação sujeito-objeto, característica do pensamento ocidental.

Surge, a partir daí, a necessidade de perceber no campo sensível e, para quem faz parte do Reinado e sabe o que eles significam, de considerar também o caráter imagético que possuem, as relações de comunicação que criam, a vida que ganham quando afetados pela espiritualidade. Para além da dimensão representativa textual, as imagens que se apresentam no Reinado têm vida e geram relacionamentos. Elas pulsam, rememoram, emocionam, curam e, diante disso, não é possível reduzi-las à categoria de objeto, no sentido ocidental clássico do termo. Surge, assim, a necessidade de considerá-las como objetos-imagem, uma vez que têm o poder de nomear algo que está colocado à nossa frente, mas são também vivos, afetam, comunicam, constroem narrativas de memórias ancestrais e passo a considerá-los, por tudo isso, objetos-imagem do Reinado. Se, como objetos, sua concretude é visível e, segundo protocolos específicos, palpável como imagem, remetemos àquilo que não vemos, mas sentimos. O que é da ordem do invisível é o que amalgama os termos objeto e imagem: o hífen. Objeto-imagem. Por isso, abandono aqui toda uma tradição racionalista de pensamento sobre a imagem como representação para vê-la e dar-a-ver como sensibilidade, imaginação, magia. Vale lembrar que, em várias experiências religiosas, objetos de culto já são nomeados como imagem, como é o caso de santos e orixás de adoração (são nomeados como imagem e não como esculturas feitas de resina, madeira, pedra ou cerâmica).

É interessante notar que, nesse contexto, os objetos-imagem, mesmo que estáticos, fora do período de festa, continuam tendo energia, potência de afetação acumulada, fruto das relações de comunicação que estabeleceram e estabelecem com a espiritualidade e as pessoas. Mesmo em momentos fora dos festejos, em que não estão sendo acionados, os objetos-imagem, pelo seu poder comunicacional, relacional de energia espiritual acumulados nunca são meramente objetos. Mesmo quando ficam um determinado tempo sem acionamento direto, a partir do primeiro toque, banhos e rezas, eles se potencializam e, por assim dizer, recarregam energia e retomam as potências de afetação que sempre tiveram.

Cada um desses objetos-imagem se relaciona com os terreiros, as comunidades em geral, e ganha força a partir da relação de encantamento que os membros e espiritualidades fazem, em rituais normalmente fechados e internos nas Irmandades. Essa forma de encantamento para potencializar ainda será alvo, neste trabalho, de uma

análise mais detalhada, sobretudo a partir das escolhas fílmicas que realizarei no documentário. O fato é que esses objetos-imagem ressignificados – e cuja energia de afetação é acumulada ao longo dos tempos – é um dos componentes importantes nas experiências físicas e espirituais de cura e não só curam, mas também empoderam e protegem os que se relacionam com eles.

Perceber os objetos-imagem como mediadores fundamentais de comunicação intermundos, afetação e construções de relações – os elos do rosário – na festa e nos processos que ela agencia para todo o ano, é um passo importantíssimo para a compreensão das elaborações de cura que se dá pela ativação da memória, pela construção de um comum, pelo toque das *ngomas*. Compreender que saudações e cumprimentos não são apenas gestos repetitivos no Reinado, pois também constituem acionamentos espontâneos de energia e movimento de comunicação que acessa o sensível, é a chave para assimilar e alcançar o entendimento sobre os processos de cura mediados pelos objetos-imagem.

A força dos objetos-imagem deriva de uma memória e energia ancestral. A existência e história desses objetos-imagem mais especificamente – aqui me refiro às coroas e aos bastões – são muito importantes para sua constituição mágica. São objetos-imagem repassados de geração para geração que, com isso, acumulam potência e saberes, conectam vidas, gerações e memórias. Some-se a isso o encantamento via espiritualidade, cujo resultado é a elevação da potência de afeto desses objetos-imagem, que passam a agir com vida para auxiliar nos trabalhos de cura.

Falar sobre objetos-imagem no Reinado implica versar sobre objetos encantados via espiritualidade que pulsam, vibram e ganham poder nessa relação de comunicação intermundos e são, por isso, geradores de cura e rememoração ancestral.

## **ESPIRITUALIDADE QUE AFETA E PRODUZ CURA**

*ki enda nhoka Nzambiu a-ki-ijia  
como anda a cobra, só Deus sabe*

A vida, por suas características, cercada de dificuldades e adversidades, impõe a cada um/a uma necessidade de luta ou, como dizem os antigos, uma peleja constante pela própria dinâmica do processo de viver. Observando pela ótica das tradições *bantu*, costume, em palestras, aulas e cursos, quando discorro sobre a importância da espiritualidade na nossa vida como um todo, menciono esse provérbio *bantu*, da língua *kimbundo*. A partir da metáfora da dificuldade de caminhada da cobra, posto que não tem perna, a reflexão que se deduz é de que as adversidades são muitas as complicações existem, mas é preciso seguir, caminhar, romper.

Certa vez, em consulta com um preto velho, pai João de Angola, falávamos sobre o quão penoso pode ser o processo de viver em um mundo desigual, cruel, hostil. Em resposta às minhas colocações, ele disse algo que complementa a reflexão do provérbio: “a caminhada, mesmo sendo dura, *Nzambi* (Deus em *Kimbundo*) nunca deixa seus filhos desamparados. A espiritualidade, meu filho, é o que vem pra acudir cada um de vocês pra dar força de continuar caminhando.”

Essas palavras continuam ressoando e, nas vivências e experiências no trato com a espiritualidade, pude entender que um dos mecanismos necessários para conseguir viver no mundo é dialogar com ela. Isso não significa necessariamente ter uma religião. A ideia de espiritualidade pode variar, a partir do prisma que a tomamos. Entendendo aqui a espiritualidade para além da compreensão do latim *spiritus*: sopro, respiração e vigor.

O sopro, entretanto, está presente na cosmologia *bantu* e ligada à criação. Está presente nas narrativas dos *M'kisi* e atribuída a *Lemba* (*Nkisi* da criação, da paz, cujo domínio é a espiritualidade em si), que tem na *pemba* (mistura de pós com ingredientes sagrados no culto *bantu* e que são sopradas em diversos contextos para purificação e (re)energização de um lugar) um elemento importante. Mas trato aqui, como espiritualidade, uma qualidade de conexão com uma energia ou algo maior, que se traduz na prática como ações de equilíbrio, busca de paz. Os espíritos, base da minha crença e vivência espiritual, são o auxílio necessário para “a cobra caminhar em meio a dificuldade.”

Diante disso, tomo por base a vivência individual ou coletiva das energias que movem uma determinada crença e, no caso evidente desta pesquisa, como o conjunto de

manifestações de espíritos parceiros que se somam às ritualísticas do Reinado para produzir energia e força para a conquista dos objetivos. Importante dizer que essa ideia é fruto, sobretudo, dos acúmulos conceituais e vivenciais das tradições de religiosidade afro-brasileiras, nas quais me insiro, e do legado oral construído a partir de minha vivência ancestral.

Os *M'kisi* e as entidades são, portanto, como pontes de conexão da minha energia com o todo do mundo e a espiritualidade – essa qualidade humana que é potencializada pelos espíritos que nos auxiliam nas buscas diárias da vida. A minha energia, somada à própria energia e dinâmica do mundo e os espíritos que auxiliam e potencializam essa conexão, constitui o que estou chamando de espiritualidade.

Não raro, em momentos decisivos da vida e de importantes decisões, contamos com o apoio, o direcionamento de algum espírito, também chamado de guia para uma decisão ou interferência que favoreça nossa caminhada. Nas tradições africanas e afro-brasileiras, a oralidade, como construção de saber, é fundamental para o entendimento e vivência de determinados conceitos, principalmente os que dizem respeito à espiritualidade. O que nossos ancestrais viveram e registraram via memória afetiva herdada por esse legado oral construiu uma base de conhecimento e entendimento do mundo que difere das demais transmissões de conhecimento porque agrega o componente memória ancestral, uma espiritualidade herdada que guia e revela o conhecimento de forma única, particular e afetiva. Tratam-se de conhecimentos muito antigos e que muito nos orgulham levar adiante por essa tradição oral, na qual confiamos plenamente. Não obstante, é evidente que os processos violentos da escravização e do tráfico de vidas humanas quebraram muitas de nossas tradições e passamos a ser desvalorizados por uma cultura supremacista branca, na qual domina a escrita. Isso tampouco nos fez desistir. Re-existimos, nas palavras que seguimos proferindo com orgulho. A partir de cada centelha de memória, acionamos um mundo, aos moldes do que Edouard Glissant (2021) chamou de poética da relação.

Essa participação da espiritualidade em todas as dimensões da vida ocorre, por óbvio, também na condução das atividades dos Reinados do Rosário e com uma função extremamente importante, que é de encantamento dos objetos, tornando-os objetos-imagem, ou seja, por meio de um processo de condução de força que dá aos

objetos-imagem vida para pulsarem e afetarem as pessoas por eles impactadas. É preciso, no entanto, dizer que muitos mestres e mestras reinadeiros(as) divergem sobre a forma como os espíritos interferem na festa do Rosário. O que parece ser unânime entre eles é a ideia de que os espíritos participam das atividades. Alguns, entretanto, preferem conduzir essa co-presença espiritual no campo do invisível sem materialização, incorporação e preferem evidenciar apenas a parte sincrética e ligada à Igreja, ancorando-se nas imagens dos santos padroeiros para reafirmar um pertencimento cristão, que, na prática, apenas compõe uma narrativa. Tal comportamento é interpretado pela mestra de saberes tradicionais Capitã Pedrina de Lourdes Santos como "resquícios da perseguição que o povo umbandista, candomblecista sempre sofreu" (SANTOS, s.d., s.p.).

## COMUNICAÇÃO INTERMUNDOS

A primeira coisa que compreendi com o termo comunicação intermundos (OLIVEIRA, ALTIVO; FIGUEROA, 2021)<sup>13</sup> é que se trata de um termo-conceito-vivência porque não cabe apenas na caixa dos conceitos tradicionais. Isso porque ele estabelece dimensões relacionais que o fazem estar sempre em movimento, se construindo e se reinventando. Nesse sentido, falar em comunicação intermundos é perceber a agência e pulsão de seres, sensações e territorialidades que atravessam o mundo do Reinado, compondo-o, e que são ativadas tanto cosmopoliticamente como uma força para dentro da vida em comum, quanto interepistemicamente para diálogos entre regimes de conhecimentos alternos. Como gesto relacional está o fato de que é uma comunicação capaz de transitar, estabelecer conexões com universos distintos e criar elos de afetação.

No que diz respeito à dimensão cosmopolítica, que assume protagonismo nessa pesquisa, reside a agência da espiritualidade. Isso porque a espiritualidade atua como agente de um mundo invisível para muitos olhos e sentidos, mas com poder de

---

<sup>13</sup> Nos estudos do grupo de pesquisa Corisco/UFGM, tive acesso a diversas pesquisas que vêm operando o conceito de comunicação intermundos (ALTIVO, 2019; SANTOS; 2021; SANTANA; 2022, dentre outras em processo), que se encaixou como luva para o auxílio no entendimento de como os objetos do Reinado podem ser pensados/sentidos como objetos-imagem. A base desta pesquisa é o entendimento de que uma comunicação poderosa que evoca outras agências, temporalidades e espacialidades é o cerne do encantamento desses objetos, ressignificando-nos em suas dimensões sensíveis, actantes e invisíveis.

ressignificar e transformar objetos simples em objetos-imagem pela força que carregam e pelas ideias e conexões que a espiritualidade consegue fazer. São, portanto, seres espirituais que operam e comunicam ideias, orientações, tensões que vibram e ressignificam. Não obstante sejam invisíveis para muitos olhos, essas forças actantes podem ser sentidas e apreendidas de diversas formas.

A dimensão interepistêmica fica a cargo dos diálogos e trocas entre o mundo Reinadeiro dos terreiros – o qual chamo carinhosamente de “saberes de cá” – com o mundo externo a essas realidades como universo acadêmico, secular, poderes públicos e privados. A expectativa é a de possibilidades de criação de protocolos que possam abrir diálogos entre saberes tradicionais e ancestrais com conhecimentos e saberes seculares que resultem em boas conexões, bom entendimento do fenômeno que se observa. Isso é possível por essa dimensão interepistêmica da comunicação intermundos.

Isso dito, reafirmo que penso a pesquisa a partir da experiência na Irmandade dos Leonídios, que considera a presença dos espíritos como participantes do processo da festa. Enfatizo, portanto, a presença de diversas energias espirituais em cada entidade: preto velho, exu, marinheiro, erês, a partir de suas diferentes vibrações, que colaboram para o encantamento dos objetos-imagem do Reinado, conferindo às bandeiras, bastões, gungas, rosário, coroas e cetros o poder de atuar intimamente nas pessoas, considerando a necessidade de cada um/uma. A partir desse encantamento, que trazem os espíritos aos objetos, tornando-os objetos-imagem, eles ganham vida e se potencializam para mudar outras vidas nas experiências individuais e coletivas. E nesse caminho e nessa entrega, via afetações causadas pelas energias dos objetos-imagem, desestabilizam o olhar e fazem ver de outra forma, estabelecendo a experiência de cura.

Um exemplo dessa participação da espiritualidade na Irmandade Os Leonídios, fonte desta pesquisa, é dado pela pesquisadora Bárbara Altivo (2019), na sua tese *Rosário dos kamburekos: Espirais de cura da ferida colonial pelas crianças negras no reinadinho de Oliveira*, quando em um momento no seu diário de campo relata:

A noite em penumbra de lua nova, a fogueira esquentando o couro dos tambores feito pelos escravizados, há pelo menos uns 200 anos. Começa o batuque. “Quero ver papai. Quero ver papai”. Uma roda se forma e eu fico de fora observando, tentando observar apenas. É noite de conversa com as almas. Eles estão todos ali, os papais, vovôs, os bisavôs (...). Eu choro e lembro do que o Washington me disse antes de começar: "candombe é força de preto velho muito intensa. (ALTIVO, 2019, p. 51)

Esse relato que, remonta ao *kandomblé*, momento em que, ao tocar os instrumentos sagrados e através da mediação das entidades (no caso, os pretos velhos), instaura-se a energia renovadora dos objetos-imagem a eles dados e se inicia, a partir do ritual, uma prática de memória afetiva e efetiva que se conecta de forma a acessar o interior, lembrar as potências que reverberam nossa ancestralidade, lembrar de onde viemos e isso nos fortalecer para a lida. As formas de manifestação e interferência da espiritualidade para encantamento dos objetos-imagem e para os acessos de cura espiritual e física, individual e coletiva são muitas e inclui ritos e preces, banhos e manifestações via médiuns. É essa afetação o que pretendo dar-a-ver no documentário sobre o Reinado dos Leonídios, que integra a proposta desta pesquisa.

É interessante, inclusive, pensar e constatar que, mesmo após o Reinado, nos períodos em que os objetos-imagem ficam “parados”, eles não perdem a energia que contêm, mas os acumulam. Assim, faz sentido repassar alguns objetos pessoais de alguns capitães como o bastão que, às vezes, passam de geração a geração acumulando um legado energia.

## **COMO DOCUMENTAR O INVISÍVEL DO REINADO SENSIVELMENTE?**

Um dos grandes desafios neste trabalho é, sem dúvida, como documentar os processos de encantamento dos objetos-imagem e as reverberações que causam. Documentar, nesta pesquisa, congrega, tal como o conceito de comunicação intermundos, duas dimensões: a primeira é de sentido cosmopolítico e implica dar-a-ver, ou seja, trazer a possibilidade de vislumbrar outra maneira de instaurar aviação sensível do invisível. A segunda, de sentido interepistêmico, tem o desejo de negritar, ou seja, de enegrecer a máquina do cinema documentário, de fazer dialogar o mundo dos objetos-imagem com o mundo da imagem no cinema. Para tanto, o desejo sempre foi me guiar por uma perspectiva sensível e que contemple um olhar de dentro, que quer fazer-se mostrar no ápice de suas afetações.

A ideia é registrar, a partir do momento e das sensações que surgem fazer mesmo da festa – o que no ano de 2022 teve uma excepcionalidade e configurou-se para

mim como um campo de pesquisa – no exato momento dos acontecimentos na Irmandade Os Leonídios e captar da melhor forma possível os encantamentos desse momento.

Para me aproximar da forma ideal para essa execução, fiz um trabalho de visionagens entre documentários que versam sobre a mesma temática do Reinado ou com incitações à forma de documentar objetos sagrados<sup>14</sup> para além de verificar as abordagens feitas, entender de que tipo de construção eu queria me afastar ou me aproximar e ter como referência. Esse trabalho, embora intenso, foi muito importante no desenvolvimento da pesquisa porque me proporcionou mais conhecimento sobre a temática do documentário e suas várias formas.

Antes de elencar aqui alguns documentários que serviram de inspiração ou distanciamento, acho por bem trazer algumas reflexões sobre a forma documental, linguagens em si e sobre o que isso me auxiliou. Ressalto, ainda, que, para além de um maior nível analítico e teórico sobre a linguagem cinematográfica, o que busquei com todo esse intento foi, de certo modo, uma tradução material do meu olhar que se situa nesse lugar de dupla pertença, já salientado.

Embora a compreensão passe pelo meu olhar, que está nesse lugar de acompanhar de dentro, em termos de linguagem cinematográfica, trabalharei com a câmera objetiva, em que se pretende mostrar o que ocorre no espaço filmado e considerando a complexidade da cena que se apresentar no contexto. Acredito que as principais diferenças no uso dessa câmera objetiva se deram no tempo de duração de cada plano, na escolha do enquadramento e nas ativações conduzidas pela espiritualidade nos processos de filmagem.

Como a pesquisa não tem uma natureza analítica, não vou adentrar densamente no campo das teorias do cinema. No entanto, atendo-me em pensar no cinema como um construtor de discursos, narrativas e de conhecimento. Pensar o cinema como discurso, mais do que entender as palavras nele usadas, é assumir uma posição, um lugar e destacar sua natureza política. Mas o cinema também é narrativa ou uma linguagem que

---

<sup>14</sup> Tomei como referência para essa separação a tese de doutorado de Júlio Vitorino Figueroa (2021), também desenvolvida junto ao Corisco, na qual o autor divide seu "corpus fílmico dinâmico" no trabalho de ver com os saberes de adolescentes no sistema socioeducativo em dois grupos: incitações temáticas e incitações da forma.

permite contar histórias. Além disso, como discurso ou como narrativa, o cinema produz conhecimentos e o faz de forma poderosa, na medida em que aciona não somente explicações do mundo, mas sentimentos e sentidos do mesmo.

Teórico do cinema, Ismail Xavier (1984), na introdução de seu trabalho, afirma que “aqui é assumido que o cinema, como discurso composto de imagens e sons é, a rigor, (...) sempre um fato de linguagem, um discurso produzido e controlado, de diferentes formas, por uma fonte produtora” (XAVIER, 1984, p. 10). Por sua vez, Robert Stam considera que o filme é: “em nível mimesis, representação, mas é também uma fala, um ato de interlocução contextualizada entre produtores e receptores socialmente situados.” (STAM, 2000, p. 228). Assim, dizer que arte é “construção” não deveria ser o fim das discussões, mas o começo. Temos que perguntar: construída por quem? e em correlação com quais ideologias e discursos?

Talvez uma boa discussão em torno do cinema documentário venha das provocações de Cézar Migliorin (2010, p. 9-10) ao apresentá-lo como um gênero indefinido no contemporâneo, no qual cabem os mais diversos tipos de usos políticos, formas de nomeação e de autorrepresentação. Diz-nos o autor:

O documentário hoje é o nome de uma liberdade no cinema. Seria tentador inventar outro nome para essa entrada definitiva na indiscernibilidade desse cinema, porque, convenhamos, o nome documentário não é lá grande coisa, tão impregnado ele está de um regime de imagens em que a representação era o único problema a ser considerado, o que certamente não é o caso da produção contemporânea. O que não significa que o desafio de apresentar o outro, de forjar encontros e pensamentos com o desconhecido das vidas e das imagens não seja o que move o melhor desse cinema (...). Não é pouca coisa o que acontece no país quando identificamos um grande interesse pelo documentário presente nas políticas públicas, nas publicações, nos festivais, entre os jovens e nas múltiplas estéticas que essa produção apresenta. Não é pouca coisa. Mais do que falar sobre o documentário, esse interesse parece se pautar por uma atenção a esses modos de estar no mundo e de inventar mundos e, ao mesmo tempo, compartilhar essas invenções. O documentário não é o que diz ou mostra o que existe, mas o que inventa a existência com o que existe.

Deixar livre a influência espiritual na condução estética da produção do documentário é uma aposta fiel ao que normalmente ocorre na Irmandade, ao longo dos anos. É trazer verdade na captura das imagens, na construção da narrativa e na escolha do que dar-a-ver, como venho enfatizando como um dar-a-sentir. É uma liberdade do nosso modo de vida que conflui com a liberdade do documentário contemporâneo.

Uma abordagem estético-sensível do Reinado é aquela que se guia pelos *insights* e intuições espirituais do momento, somados a um conhecimento prévio do que está em jogo na cena. Nesse sentido, minha dupla pertença potencializa esse recorte do dar-a-ver, na medida em que situa o olhar e conduz, de acordo com a importância dos acontecimentos, a uma captura mais fiel dos instantes de encantamento e troca de energia dos objetos-imagem.

Documentar o sensível do Reinado passa, necessariamente, pela atenção da condução espiritual do momento. Isso porque, a cada ano, vivenciamos um contexto diferente de densidade de energia que envolve a Casa Azul e as pessoas que passam por lá durante os festejos. A partir das energias que envolvem o lugar e as pessoas, é que podem ocorrer instruções diferentes às que são consideradas genéricas para os encantamentos. Existem procedimentos padrões para o processo de encantamento, como submeter os objetos-imagem aos espaços rituais de reza, *kandombe*, banhos, mas, a partir da necessidade do ano vigente, outras instruções podem se fazer necessárias como procedimentos adicionais aos que já comumente são feitos. Nessa relação de comunicação intermundos é que se estabelecem as arestas para uma boa fluidez dos processos no Reinado.

Ainda me debruçando sobre as reflexões teóricas a respeito do fazer documental e assumindo a predileção pela corrente que compreende o documentário como um fazer de discursos que se apoia na linguagem e na combinação imagem-som, ocorreu-me acionar a dimensão interepistêmica da comunicação intermundos, que já conceituei, e articular **os saberes que denominei de lá** (da academia, das correntes teórico-filosóficas eurocêntricas dominantes) com **os saberes de cá** (dos povos de Terreiro, Reinado). A ideia é, sobretudo, apontar aproximações e distanciamentos, mas também (re)afirmar os saberes-fazer-Reinadeiros como um importante fio condutor de análise teórica.

Diante dessa relação, o Reinado, com seus objetos-imagem pulsantes, exige, para a captação do momento de encantamento, mais do que conhecimento prévio do que seja a comunidade, mas imersão no processo. A pertença é uma credencial que possibilita direcionar o olhar, com entendimento, sobre o que está em jogo na cena e registrar aspectos que, diante de um olhar que busca uma estética descuidada, passaria

despercebido. Aliás, a presença no ritual, no local espiritualizado e encantado, cria a percepção do olhar. Na minha compreensão, só é possível perceber as nuances e encantamentos do ritual do Reinado com a presença, a participação e o envolvimento. Estar ausente vai despertar a imaginação de como o fenômeno poderia ter ocorrido e, mesmo assim, para aqueles que têm olhos de ver (SANTOS, s.d.).

Outro ponto que chama atenção é pensar no conceito que se ressignifica no contexto Reinadeiro, que é a beleza estética. Isso porque a essência do que é belo se traduz a partir dos direcionamentos do olhar e, em se tratando de Reinado, o belo é um conjunto de situações ou uma manifestação singular que, *a priori*, não chama tanta atenção no olhar, mas é fundamental até para a manifestação bela das fardas, dos cortejos. O que possibilita a realização do esteticamente admirável passa por questões internas importantes, de pouco acesso e igualmente estéticos.

### **MAS O QUE NÃO DAR-A-VER NOS PROCESSOS DO REINADO?**

Tão importante quanto definir o que dar-a-ver é respeitar o lugar do segredo nas tradições e territórios em que a espiritualidade conduz processos diários de encantamento, *performance*, cura e manifestação. No Reinado existem muitos rituais que ocorrem ao longo do ano e que potencializam a Festa, mas são restritos a alguns/algumas integrantes da comunidade com mais tempo e entendimento, cuja permissão de acesso é liberada pelas entidades que guiam o processo.

Nesse sentido, alguns cuidados durante a filmagem se fizeram necessários para manter o aspecto do segredo intacto, como não revelar aquilo que só é dado a saber a algumas pessoas autorizadas. Refiro-me aqui, sobretudo, às ações que precedem rituais importantes como *Kandombe*, alvorada, maceração dos banhos usados para banhar os objetos-imagens, dos banhos que são usados ao longo da semana. São ações e rituais importantes no fortalecimento de membros da comunidade.

O segredo não presume esconder, mas, sim proteger, uma vez que, ao longo dos tempos, diversas apropriações dos saberes-fazer dos povos tradicionais foram

feitas. Conhecimentos às vezes mal interpretados, já que o indivíduo que roubou esses saberes não tinha preparo, conhecimento, vivência e mentoria espiritual. Outra consequência de uma abertura de algo particular é o apagamento por deliberação colonial ou de qualquer lógica movida por esse *modus operandi*. Diante de tudo exposto, o segredar é algo muito importante como instrumento de proteção e perpetuação de momentos muito sagrados e que devem ser revelados apenas a capitães e capitãs, reis e rainhas e quem a espiritualidade destinar no momento.

Dado que o regime de visibilidade é sempre cobiçado por diversos objetivos, e considerando que nem todos têm “olhos de ver” para entender aspectos minuciosos e importantes do Reinado, o segredar é tão importante quanto dar-a-ver. Saber o que deixar na kalunga escura e profunda é agir com sabedoria para garantir que esses saberes-fazerem sigam resistindo por muitos anos. Um verdadeiro encontro de saberes, como é o que se propõe nesta análise via dispositivo dissertação, precisa salvaguardar fundamentos específicos, ressignificar as imagens e guardar seu encanto espiritual. Existe, muito, o que não dar-a-ver.

Por outro lado, quando tento traduzir o dar-a-ver pelo dar-a-sentir, a (in)conveniência do segredo se desfaz um pouco. Pois é possível fazer sentir a emoção do Reinado e da vibrante energia de seus objetos-imagem encantados por meio de suas imagens. Frente a imagens de imagens, o sentimento não se engana. Ao contrário, ele emana onde está a verdade e a beleza. Como presença e não como racionalização, a espiritualidade se manifesta sensivelmente prescindindo de explicações que pudessem transportar aos fundamentos, àquilo que não deve ser contado ou mostrado, mas apreendido em longos processos de pesquisa para os quais uma vida inteira é pouco. Como diz a Capitã Pedrina, "no Reinado, a gente sabe sabe e morre sem saber" (SANTOS, s/d)

## **A FILMOGRAFIA VISITADA**

Com objetivo de ver aproximações e distanciamentos de algumas produções fílmicas já realizadas sobre o Reinado, construí uma trajetória de visionagem de alguns documentários que muito contribuíram como modelos e antimodelos, a partir de minhas

intenções. A ideia foi visitar filmes que trouxessem incitações ao tema e à forma para pensar essas aproximações e afastamentos que sugeri. Por incitações ao tema, nomeio um conjunto de filmes que tomam o Reinado como acontecimento a ser documentado. Por incitações da forma, nomeio alguns filmes que me permitiram pensar sobre a materialização, ou seja, a relação entre a imagem mental e sua transformação em imagem material expressa em linguagem documentária. Vale dizer que, apesar de os filmes visionados terem sido inspirações importantes, especialmente para mim que não venho de uma formação específica em cinema, meus processos de filmagem e montagem se deram de forma intuitiva que buscava preservar a verdade e a beleza de meu olhar tanto iniciado como iniciático que, mais do que um olhar especializado, trazia a dimensão de um cinema-verdade, ou seja, aquele que se faz com equipe/equipamentos mínimos além da presença de quem realiza na ação (RAMOS, 2004).

No que diz respeito ao tema "Reinado/Congado", comecei as visionagens a partir do filme *Congo* (Arthur Omar, 1972), uma produção experimental com letreiros. Trata-se de um filme complexo e que (re)define o conceito de Congo, a partir do entendimento do autor - um artista que não é pertencente a comunidades de Reinado - segundo o qual o Congo está ligado à origem ou momento anterior à origem, uma ancestralidade originária. Com muitas palavras como coroação, congada e rei congo, o filme se propõe a jogar palavras para levar à compreensão do tema, sem perpassar pela representação, ou seja, sem trazer as imagens de um suposto objeto que, por assim dizer, dissesse respeito à verdade do Reinado.

Outro filme que vi foi *A Coroação de uma Rainha* (Arthur Omar, 1993), que põe em cena as experiências de Dona Alzira Germana na Irmandade do Rosário do Jatobá, na qual é coroada Rainha de Nossa Senhora das Mercês. Ao longo do filme, acompanhamos os preparativos para a cerimônia com planos que mostram diversas partes do ritual. Os planos são longos e, por vezes, recebem intervenções nos processos de montagem que potenciam certos efeitos de imagem e ritmo no filme, buscando mostrar o encantamento do Reinado, especialmente a partir da devoção de Dona Alzira e sua comunidade. Traz também depoimentos e relatos que buscam contextualizar a ação reinadeira e seus acontecimentos.

Um terceiro filme por mim fruído como experiência foi *A Rainha Nzinga chegou* (Rainha Belinha, Júnia Torres, 2019). Esse filme chamou-me atenção pela forma e pelo foco em objetos-imagem importantes como gunga e patangome usados por uma mesma pessoa. Esses dois objetos-imagem geram cadência, som e experiência de conexão. A viagem da rainha ao mar de Angola, a conexão da coroa com o mar e o encontro da força natural dos domínios de *Kaiaia* são potentes e com aproximações importantes com essa pesquisa. Desde essa visionagem e, em estreita relação com a história de Nossa Senhora do Rosário bem como de nossa travessia do continente africano ao Brasil, o mar foi um elemento que sabia que teria que entrar no documentário. Muito próximo do que eu pretendia desenvolver, no que tange à aproximação e protagonismo de objetos-imagem do Reinado e com uma configuração simbólico-potente impressionante que é o encontro com *Kaiaia*, essa é uma das obras que mais me impactaram positivamente porque traz resgate de memórias e coloca em evidência encontros espirituais que fazem sentido para quem vive o dia-dia do Reinado. É possível, portanto, perceber a coerência, a importância e poética dos atos ali evidenciados.

*Salve Maria* (Júnia Torres, Pedro Portella, Aparecida Reis, 2006) mostra desde a saída do boi do Rosário e tem foco na *ngoma* (caixa) e seus processos de fabricação. Preocupa-se em registrar tanto o dia a dia nas irmandades, quanto momentos rituais importantes, como o levantamento dos mastros. A produção conta com depoimento de capitães, reis e rainhas para a contação da história de Nossa Senhora do Rosário em Minas Gerais. O filme tem uma construção próxima das pessoas filmadas, mostra em detalhes os territórios e busca evidenciar as narrativas de reinadeiros e reinadeiras como formas de conhecimento. Outro documentário com que percebo aproximações é o *Congado: um reino oculto no Brasil profundo* – documentário oficial sobre o Reinado em Patos de Minas. Chamou minha atenção pelo formato, foco nos objetos-imagem e depoimentos de Reinadeiros. Uma exploração estética, poética e emocionante nas formas de registro.

Já no que diz respeito à forma fílmica sem relação direta com o tema do Reinado, vi outros documentários observando o jeito de fazer, de dar-a-ver o invisível e o sensível do reinado, aproximei-me de alguns filmes. Destaco um deles, *As estátuas*

*também morrem* (Chris Marker, Alain Renais, 1953), versa sobre história, memória, a relação de objetos com museu, a decomposição objetal e traz esse questionamento sobre o ser dos objetos. O que chamou atenção nessa obra experimental fascinante é como a arte e a relação com os objetos preservam a memória e a história coletiva. Uma reflexão, ao mesmo tempo, sobre uma ideia de efemeridade da vida humana e sobre a importância da arte como ponte de memória e conexão com nossas raízes. O documentário é realizado na reserva técnica do antigo Museu do Homem em Paris e a vida dos objetos é destacada, não obstante os processos de saque a que foram submetidos. Mesmo sequestrados, os objetos continuam a pulsar e são filmados, sob um fundo negro, e diversos movimentos de câmera que buscam exaltar suas potências animadas. Se pensarmos na relação entre objetos e memória, que é tema central da obra, o filme sugere que os objetos, como as estátuas antigas, são símbolos poderosos dessa memória coletiva. Pensando em minha pesquisa, para além disso, os objetos-imagens que vivem e pulsam, a partir da espiritualidade, são ativadores dessa memória ancestral potencializados para produzir além de memórias e pertencimento, curas física e mental.

*Ava Yvy Vera/Terra do Povo do Raio* (Genito Gomes, Jhon Nara Gomes, Jhonathan Gomes, Sara Brites, Joilson Flores, Dulcideo Gomes e Edna Ximenez, 2016) também foi um filme visitado e trata da resistência do povo Kaiowá, o dia a dia da comunidade e a comunicação com outros povos, os povos do raio. É um documentário produzido no âmbito do Programa de Extensão Imagem Canto Palavra no Território Guarani e Kaiowá da UFMG (2014-2022, coordenado por Luciana de Oliveira). O filme foi importante para permitir-nos um diálogo, dentro do processo de orientação, sobre modos de fazer do cinema-verdade, processos de filmagem, mapeamento do material bruto e processos de montagem. Referenciou algumas decisões quanto ao tratamento e escuta das imagens, além de demonstrar como a indigenização do cinema pelo povo Kaiowá do Tekoha Guaiviry poderia ser transposta à reinazarização do cinema por uma comunidade/um Capitão do Reinado.

## OS PROCESSOS DE FILMAGEM

Todo processo de captação de imagem, seja fotográfica ou em vídeo, teve a colaboração muito importante do amigo e irmão Marcos Donizetti da Silva, também mestrando no PPGCOM da UFMG, pertencente às religiões de matriz africana, militante de movimentos negros em Belo Horizonte e com olhar sensível aos desdobramentos espirituais que ocorrem na nossa realidade. Os registros são da Festa do Rosário no ano de 2022 (de 03/09 a 11/09), um ano ainda atípico, de retomada da festa nos espaços públicos da cidade de Oliveira-MG, após o período de isolamento social em função da pandemia mundial de Covid-19.

Chegamos à cidade, no levantamento dos mastros, para alguns registros iniciais para composição do documentário e fizemos algumas tomadas internas e externas no território da Casa Azul. Na semana de setembro, no Reinado, Marcos chegou ao longo do Reinado e terminamos os processos de filmagens, colhemos depoimentos e fizemos mais registros fotográficos.

Quando cheguei a Oliveira, já sabia de alguns ocorridos, em dias anteriores, como a não saída do Boi do Rosário, em seu percurso usual. O boi, tradicionalmente, anuncia a festa e tem uma importante missão de limpeza espiritual das ruas e preparação para os cortejos do Reinado sempre com festa, alegria, arrastando multidões e, normalmente, termina seu trajeto pela cidade no bairro do Alto São Sebastião, onde fica a Casa Azul, sede dos Leonídios e onde ele encerra seu percurso. Neste ano, sob a justificativa de receio de brigas programadas para o Alto (o que de fato já ocorreu outras vezes), o Estado Maior que conduz o Reinado decidiu pela não subida do Boi, retornando ao quartel após a descida da praça XV de Novembro, no centro da cidade.

Isso tem consequências espirituais que vão se desdobrar pela cidade. No entendimento de quem vive o Reinado como nós na Irmandade dos Leonídios, há a compreensão de que o que houve foi a interrupção de uma caminhada de *Nzila*, já mencionado como senhor dos caminhos. Não permitir que o ritual se cumprisse gerou enorme expectativa sobre o Reinado. Em função disso, não houve também a Alvorada, outra ritualística tradicional na Irmandade, conforme explicitado nas primeiras reflexões apresentadas nesta dissertação.

Outro fator importante de registro foi o incêndio no Reino dos Leonídios, que ocorreu na segunda-feira, dia 05/09/2022, fruto de um curto interno no sistema elétrico do Reino e que gerou danos físicos a alguns objetos-imagem como imagens de santos, bastões e bandeiras que precisaram ser (re)pintados, mas que foram organizados e tiveram seu uso com normalidade ao longo dos dias.

As surpresas espirituais sempre ocorrem. Em 2022, tivemos pouca manifestação via incorporação - também conhecido como transe mediúnico - ao longo da semana. Eu mesmo tive no meu corpo a manifestação de meu preto velho uma vez durante a semana, apenas para algumas orientações. Esperava-se, na sexta-feira, dia 10/09/2022, a presença tradicional de entidades como exus, pombagiras e boiadeiros, inclusive com tudo preparado para a chegada deles, o que não ocorreu. Não se manifestaram na matéria e isso foi algo que nos chamou atenção, nos mostrando o tanto que todas as entidades espirituais trabalham para que os Reinados ocorram de forma fluida, como foi o que aconteceu.

Desde que cheguei à cidade, algumas preocupações técnicas, como foco, luz e ambientação, em um primeiro momento, tomavam-me o pensamento em forma de preocupação, mas a própria dinâmica do local foi trazendo outras questões igualmente importantes, como os momentos certos para filmagem dos objetos-imagem para captá-los em ação nos diversos momentos: no cortejo, no reino, nas relações de trocas com as pessoas, nos momentos de recarga no peji e garantir a visibilidade das diversas ações e, ao mesmo tempo, preservar os segredos de rituais fechados, como já descrito anteriormente.

No início, dado meu pouco conhecimento técnico com as câmeras, as primeiras imagens desfocaram ou estouraram, em função dos diversos ambientes, mas, aos poucos, fui me acertando com o dispositivo técnico e as imagens surgindo, de acordo com meu olhar subjetivo e intuição espiritual. Com a chegada do Marcão, parceiro já evidenciado nesta dissertação, as questões técnicas deixaram de ser um problema, a partir do seu suporte e auxílio nas captações. Vale ressaltar, no entanto, que mesmo em casos em que o desfoque ocorreu na captação, em dados momentos ele cumpriu um desejo de refletir camadas densas de energia que envolvem os objetos-imagens. Posso dizer que o desfoque colaborou em certos momentos, produzindo a vivacidade e

destacando camadas que evidenciam o que quero dizer e, portanto, foi utilizado em alguns momentos, tal como foi captado, para a composição do filme.

Busquei captar inicialmente imagens da Irmandade em seus diversos locais: entrada, reino, cozinha, casa de Exu, cruzeiro, área de lavagem das roupas, sala, terreiro. Depois, segui na direção de captar imagens dos objetos, ainda dispostos no altar do reino, no peji, no silêncio dos tambores para ter registros deles parados, embora não sem vibração energética, mas ainda fora do processo do rito ou saída das guardas.

Outras imagens que busquei captar, logo que cheguei, foram as de preparações de bandeiras que seriam levantadas na porta da Irmandade, e de preparo dos bastões e mastros com banho que já havia sido feito em ritual anterior. Junto com essas imagens há registros do dia a dia da cozinha, do som ambiente da Casa Azul e movimentação inicial da casa ainda nos períodos de manhã e tarde que antecedem o levantamento de bandeira, na sede no sábado à noite e na cidade no domingo pela manhã.

Após isso, a dinâmica de captar e ir para a prática reinadeira se instaurou de vez, já que fiz algumas imagens na hora da saída para busca das bandeiras, com a guarda ainda na sede e iniciando a trajetória na rua. Depois disso, ao longo do caminho, já contava com o apoio técnico do Marcão e passei a apontar o que precisava, pedindo-lhe os registros e contando, também, com seu olhar e vivência reinadeira para auxílio nessas construções, uma vez que já o tinha orientado sobre o que precisava, em termos de registro de imagens. Desse modo, apareço também diante da câmera, atuando como Capitão e vivenciado o Reinado desde meu lugar de pertença.

Ao longo do caminho, importante registro foi da interação das pessoas com os objetos-imagens, a partir do toque, do beijo e da saudação, sobretudo às bandeiras de guia e à bandeira que seria levantada. No entanto, no processo de montagem e escuta das imagens esses momentos de interação do público com os objetos-imagens não ganhou espaço na narrativa que fui construindo.

Com as filmagens feitas, voltei a Belo Horizonte e ao trabalho de escrita. Qualifiquei-me em dezembro/2022 e, nessa ocasião, apresentei um primeiro material audiovisual para a banca ainda mais próximo do bruto do que de uma edição, destacando alguns trechos nos quais via a potência dos objetos-imagem. Foi um exercício importante, mas não aproveitei nada dele em termos do filme que ora

apresento como resultado final. Foi como um ensaio. Um dos aspectos mais importantes do relatório de qualificação veio do exercício de composição com imagens fotográficas do Reinado da Irmandade dos Leonídios. As imagens, feitas por fotógrafos diversos, mas que trabalharam de maneira muito próxima dos Leonídios, como também de fotografias advindas de nosso acervo familiar, foram de certo modo, destacando os pontos altos da narrativa que eu queria montar. Melhor dito, esse trabalho com as imagens estáticas destacou pontos sensíveis no agenciamento dos objetos-imagem para a ativação e realização da comunicação intermundos. Algumas dessas imagens me acompanharam desde a primeira versão do projeto, como a imagem da Rainha Konga de Nossa Senhora das Mercês beijando, com devoção e emoção, a bandeira. A cada uma dessas imagens agreguei comentários que foram chaves para um caminho de montagem. Apresento, a seguir, uma nota composta por essas imagens.

## **IMAGEAR REINADO 2**



{pensar as imagens desse trabalho foi um exercício (re)memória e saudade.  
na fotografia acima, temos familiares queridos que começaram esse legado do  
Reinado, dentre eles minha mãe Regina Célia (3ª da direita para esquerda) e meu  
avô Leonídio João dos Santos, (1o da esquerda para a direita com o rosário cruzado  
no peito).

imagem de resistência, de legado e de saberes.

essa imagem é um começo, mas também é um meio - o meio para outro começo em  
nosso tempo espiralar.

novamente, começo pelo final, pois essa imagem dá fecho ao documentário.

de nosso arquivo familiar, fotografia da Guarda de Nossa Senhora das Mercês,  
década de 1970, autoria não identificada}



{essas imagens, fragmentos de imagens, são traços, vestígios das raízes da minha ancestralidade e representam muito a missão que herdei de meus avós.

ele e ela sempre atuaram com muita fé, respeito e confiança na espiritualidade na condução da guarda de Nossa Senhora das Mercês.

quando me pego contemplando essas fotos antigas me vem um misto de saudade de momentos que não vivi, como o contato com meu avô, capitão Leonídio João dos Santos, e também uma espécie de força que reativa a caminhada, que não me deixa desistir.

é missão!

mas é também em homenagem a eles/elas que tanto lutaram e cujo legado não podemos deixar de seguir.

a energia que essa coroa, capa, bastão possuem são acúmulos desse tempo, dessa força, dessa devoção e seguem hoje reverberando boas energias para e pela cidade.

a cada ano em que são reativados, esses objetos-imagens nos conectam com essa ancestralidade.

destaco, no semblante de minha avó, D. Ester, a alegria de quem sabe o que faz, do que carrega, muito embora o sorriso do registro contraste com a rigidez e seriedade com que carregava a coroa sagrada.

meu avô, capitão Leonídio João dos Santos, com bastão na mão, canta como um sabiá, como sempre fez, e dá ainda mais fluidez às movências espirituais que se desdobram na cidade, a partir dos cortejos.

nessas imagens, com essas imagens vejo se edificar um outro arquivo da história dos Reinos negros.

à direita, casal de Reis Kongos de Santa Efigênia, Sr. Mário e minha avó Ester Rufina Borges; à esquerda, meu avô Leonídio João dos Santos, fragmento de uma fotografia de nosso arquivo familiar, autoria não identificada, sem data}



{o capitão Antônio Eustáquio dos Santos, meu tio, e a Capitã Pedrina de Lourdes Santos, minha tia, têm seguido a trajetória e a missão de guiar o terno criado por meus avós no terreiro da Casa Azul e seguem há várias décadas dando continuidade a esse trabalho espiritual.

essa imagem me traduz união de forças, através do toque dos seus bastões, canalizando energias espirituais que auxiliam, sobretudo, no trajeto pela cidade. esse momento, esteticamente bonito, na imagem dos dois corpos negros conectados pela fé ancestral e mediados por um objeto-imagem, é capaz de reativar memórias, mover a espiritualidade, produzir cura.

os ritos do Reinado emocionam e mexem com todos, todas e todes que se propõem a vivenciá-los

mais uma imagem de Myrian Villas-Boas, 2015}.



{eu e meus primos seguimos nas tradições do Reinado e da guarda na família.  
e essa imagem me leva a uma conexão com os que já fizeram parte da Irmandade.  
Vemos ao fundo retratos de parentes e amigos que estiveram desempenhando sua  
função e que agora vibram em outro plano espiritual, ajudando-nos na missão de  
seguir em frente.

sempre, quando estamos juntos no Reinado, essa força de comunhão e união eleva  
as potencialidades, como uma espécie de ativação dos muitos que temos em nós e  
que hoje não transitam fisicamente conosco, mas é fácil senti-los cantando e  
vibrando conosco nesses momentos.

a perpetuação da missão que herdamos vibra em nós e, apesar das dificuldades em  
seguir-la, unimo-nos para fazer acontecer. O legado dos Leonídios persiste porque  
entendemos a importância dos movimentos e temos no exemplo dos nossos mais  
velhos a força para seguir caminhando e cantando no Rosário de Maria.

na imagem, Carlos (à esquerda), Domingos (no centro) e eu (à direita).

fotografia de Davi Marques, 2015}



{a Casa Azul, vista de fora, é uma poesia ora estática, ora em movimento, mas sempre pulsante porque acolhe energias em movimento.

os tons e sons que ela reverbera ao longo do Reinado são de força, resistência e ancestralidade.

sempre quando os mastros estão levantados, a exemplo do que se vê na fotografia acima, significa que o trabalho está ativo, a memória mantida e a força pulsante nesse lugar que carrega histórias de luta, resistência, mas também de cuidado e afeto e que funciona como ponto de apoio a muitos e muitas que vêm em pedido de socorro e são atendidos.

para além de sede dos Leonídios - o que já é, por si só, algo grandioso -, a casa azul é um hospital em que a cura se processa pela fé, pelo entoar dos cantos, pela ação dos objetos-imagem e pela presença marcante da espiritualidade na condução dos trabalhos, de acordo com a realidade de cada ano.

acima, fotografia da Casa Azul, sede da Irmandade Os Leonídios em Oliveira-MG, de nosso arquivo familiar, autoria não identificado(a), sem data.}



{as fotografias acima, feitas, respectivamente, por César Augusto (reinadeiro e candomblecista), 2017 e Myriam Villas-Boas, 2009, dão-a-ver momentos em que a mulher negra revive tanto o terror da escravização com vistas a recordar e superar esse horror e as violências sofridas, mas também para reforçar o entendimento de que, para além de tudo vivido nesse plano, resta a realeza que nos conecta, afeta e transforma.

relembrar o período da escravização como reforço à nossa capacidade de resistência e da certeza de que dia-a-dia (re)afirmamos nossa realeza.



{uma rainha quando se ajoelha aos pés da bandeira, reconhece que esse objeto-imagem pulsa a energia ancestral e se conecta à essência do ser rainha, que é carregar a coroa transcendental do Nkisi.

é, ao mesmo tempo, um pedido de benção e recarga de energia.

na fotografia acima, vemos Ana Luzia, Rainha Konga de Nossa Sra das Mercês, na cidade de Oliveira-MG, saudando a bandeira-guia da guarda de Massambique da Irmandade dos “Leonídios”.

ao olhar para essa imagem, é possível perceber que o que está em jogo ali não é apenas um cumprimento formal de uma Rainha a uma bandeira como objeto estático.

o que está em jogo é a troca de energia que se dá na interação imagem-pessoa, a imagem ressignificada e potencialmente ligada à sua condição de afetar.

há nessa contemplação-reverência a captação de força, de energia e de vida que a bandeira passa a comunicar e só o faz porque não é estática, sem movimento ou representativa, mas viva, pulsante e capaz de afetar, tensionar, ressignificar e, acima de tudo, curar.

estabelece-se, diante dessa entrega-fé, uma conexão que coloca a sujeita como destaque, ciente de suas potencialidades, de sua autoridade e domínio sobre a própria vida, dando início a uma experiência de cura das mazelas a que fora submetida e dos danos de imagem e autoimagem.

a imagem fotográfica, realizada por Sidnei Almeida (2012), dá a ver as imagens ou, como estou preferindo nomear, os objetos-imagem capa, coroa e bandeira.

eles são seres encantados que, animados pela espiritualidade, conferem autoridade, poder e (re)conexão ancestral e fazem vibrar no corpo, morada também de um espírito, a potência que dá vida a cada elemento.

pela via de rezas, banhos e contatos espirituais com entidades, tais objetos tornam-se imagem, ou seja, tornam-se uma relação com o que é invisível aos olhos terrenos e são encantados. essa ação poderosa refaz a ideia de ser-estar no mundo porque confere, principalmente, energia capaz de tensionar a relação racista opressora e se afirmar como ser no mundo. Subverte a lógica de coisificação e instaura a ideia de homem-mulher potência no mundo}



{os mastros e as bandeiras como objetos-imagens poderosos conectam terra e céu numa dupla troca de energias que se maximiza no momento de levantamento e descimento.

os bastões apontados criam, nesse momento além de uma cena estética bonita, uma confluência de forças e poderes invisíveis que se somam para reverberar.

na imagem acima, a reverência, as mãos erguidas, a importância da conexão que ocorre nesse momento em que a bandeira está sendo levantada.

isso me remete, de imediato, à ideia de que o objeto-imagem bandeira não apenas representa o santo padroeiro/Nkisi, mas é uma energia viva pulsante que reverbera e afeta a todos que contemplam e louvam por esse momento.

é um ritual que envolve uma energia intensa e que comunica com as pessoas de forma verdadeira, diversa e real.

na imagem acima, levantamento dos mastros, que anunciam o início do Reinado do Rosário, por Myriam Villas Boas, 2009. }



{os objetos-imagem têm o poder de conectar as pessoas e afetá-las, levá-las a um outro lugar de contemplação que evoca a espiritualidade de cada um.

o toque não é apenas um toque, mas uma reverência, um pedido de bênção, uma troca de energia.

na primeira imagem, vemos o cumprimento a uma bandeira, momentos antes de ela subir aos céus, como um dos mandamentos e rituais do Reinado.

a bandeira é levantada nos mastros como sinal de início da festa, numa relação de fé e devoção e na certeza de ser agraciado pela relação do toque e louvor à Nossa Senhora, se apoderando da força e energia contida ali

trata-se do toque que saúda, acaricia, tem cuidado e consciência da troca de energia que ocorre entre o objeto-imagem bandeira e a pessoa que a cumprimenta.

já na segunda imagem, à direita, o objeto-imagem bandeira/pendão, mesmo em repouso, esperando a hora de acompanhar a guarda no Reinado, pulsa e reverbera força, guia e alimenta a fé, conecta e se relaciona com o entorno, com a sede.

a imagem do pendão que é um objeto-imagem potente não só pela representação dos santos padroeiros, como na comunicação com os fiéis sobre qual santo padroeiro está na regência daquele dia naqueles Reinados com mais de um dia de duração, como é o caso do Reinado de Oliveira que se processa em uma semana.

há na imagem, fruto da captura da luz, uma forma estética muito impressionante, uma espécie de áurea que conota vivacidade e energia.

fotografias de Myriam Villas-Boas, 2009}



Foto: Myriam Vilas Boas

{a *ngoma* também conhecida como caixa de guia dos ternos que fornece a cadência, o ritmo e abre portais de atração para as energias que auxiliam na condução do Reinado.

a *ngoma* “chora” no Reinado, uma fala recorrente entre os Reinadeiros para designar que ela está evocando a espiritualidade, fazendo conexão através do som para a louvação que se inicia.

ela dá o tom do cortejo, vibra e emociona onde quer que toque. A caixa é muito importante para abertura do portal entre mundos que se conectam, pela fé, e agenciam todo o momento do Reinado.

ela “dá o tom”, emociona, faz sentir, atrai a espiritualidade. Muito do encantamento e da experiência estética do Reinado se dá através do canto e da dança, que têm a caixa como guia fundamental.

acima, fotografia da N’goma (caixa) e patangomes, instrumentos responsáveis pelo som e cadência de uma Guarda.

de autoria de Myriam Vilas-Boas, 2009.}



*Foto: Myriam Vilas Boas*

{a gunga e o bastão, em destaque na imagem representam, ao mesmo tempo as correntes que faziam cativos negros e negras e que se transformaram em som, cadência para uma louvação de resistência.

eles são objetos-imagens potentes e que acessam com muita facilidade às pessoas que, normalmente atentas a sua capacidade estética, gostam, curtem o som e são por eles também afetados em muitos exemplos de cura física e/ ou emocional

Fotografia do bastão e gunga em detalhe. Fonte: Myriam Villas Boas, 2009}



{o cumprimento do bastão sela a conexão dos objetos com energias acumuladas e que se complementam num ritual de saída ou chegada da Irmandade.

é um momento de firmeza espiritual, de pedido de proteção, de aliança de união de poderes para que o dia, o trajeto da guarda ocorra sem grandes problemas.

é costume que os capitães unam suas forças e usando o bastão para potencializar esse ritual, evocando as energias acumuladas nos bastões..

fotografia bastões em detalhe. Myriam Villas Boas, 2017}



[essa fotografia dá uma visão da entrada da sede da Irmandade, a Casa Azul à noite, reverbera poesia, estética e união de objetos-imagem poderosos como as bandeiras levantadas que se juntam emanando energia para a cidade e sustentada pelos mastros que energeticamente são preparados para ligar terra e céu sendo condutor importante de energia que perpassa esses dois lugares.

Arquivo familiar, de autoria não identificada, s/d.}



{o peji, local interno de culto na irmandade, é um ambiente acolhedor e que recarrega a energia dos objetos-imagem, como bem captado na imagem 20, e também de cada um de nós que, após os reinados, ficamos desgastados física, espiritual e mentalmente.

ao longo da semana é comum que a gente tire um tempo para fazer preces, ou mesmo comparecer para absorver a energia do lugar.

ele fica no interior e nos fundos da Irmandade, local fechado de reza e manifestação espiritual com entrada permitida apenas aos capitães e pessoas por eles selecionadas, justamente por conter fundamentos e segredos do processo espiritual da Irmandade.

o peji é onde ficam os kandombes da Irmandade e, em alguns casos é o local de fabricação de banhos, de benzeções

Em detalhe, na imagem, bastões que são colocados para absorção de energia e afetados pela energia da espiritualidade.

Arquivo familiar, autoria não identificada, s/d.}



{o Reino d'Os Leonídios é o local onde ficam a maioria dos objetos-imagem guardados por nós.

um Reino é um lugar de suporte de energia para objetos-imagem, local de firmeza espiritual antes da saída do terno para as ruas e lugar de memória.

ali estão dispostas fotos de ancestrais e pessoas ligadas à Festa, que fizeram parte da Irmandade e que faleceram.

Os objetos-imagem ficam dispostos no Reino da Irmandade.

nesse local, eles absorvem, acumulam e reverberam energia, a partir das diversas formas de ação espiritual sejam rezas, sejam manifestação de entidades.

esse também é o local em que ficam no período pós festa.

outro local igualmente importante é o peji, como denominamos.

fotografia de nosso arquivo familiar, autoria não identificada, s/d.}



{nessa imagem vemos uma oferenda feita às almas, aos Pretos Velhos e às Pretas Velhas, disposta no interior do peji.

é um exemplo de manifestação estética não aberta a todos e todas, e que tem sua beleza e riqueza enquanto objeto além de sustentar energeticamente outras expressões estéticas mais conhecidas.

temos aí o mingau, conhecido inclusive entre os umbandistas e candomblecistas como mingau das almas, e o café, elementos importantes no agrado a espíritos que são muito parceiros na condução dos trabalhos e que gera uma captação de imagem absolutamente bela numa forma estética de perceber as ações do Reinado. o belo, sobretudo, é aquilo que colabora e auxilia para uma boa realização/realiza da Festa

arquivo pessoal, fotografia de minha autoria, 2022}

## OS PROCESSOS DE MONTAGEM

Outra parte importante e que também traduziu vivacidade ao trabalho foi a edição e montagem do documentário. Comecei pelo processo de mapeamento do material bruto filmado em Oliveira-MG em 2022. Fizemos esse processo em parceria com a orientadora do trabalho, tanto para entender o funcionamento do mesmo, quanto para partilhar a riqueza completa das imagens captadas. Nosso mapa constava do código de cada sequência gerado na própria câmera, sua duração e uma descrição detalhada ou breve do que acontecia. Em várias dessas sequências, agregávamos comentários sobre possíveis usos das imagens na edição em termos de ordem, trechos, ou modos de composição da narrativa. Essa visionagem completa do material durou três dias inteiros de trabalho, embora o material bruto completo tenha totalizado aproximadamente cinco horas de gravação. Mas era uma visionagem minuciosa que, como ressaltado, já foi dando indicações de caminhos para a montagem.

Um caminho importante, surgido dos processos de pré-montagem a partir do material bruto do documentário *Ava Yvy Vera* (Terra do Povo do Raio, 2016), foi uma pré-organização em unidades temáticas menores que chamamos de "coladinhos". Cada um deles reunia material afim, como entrevistas, sequência da visitação à Rainha Conga, planos que mostravam o território e a vida cotidiana nele, momentos de preparação de rituais e dos objetos-imagem, momentos rituais como o levantamento dos mastros, o kandombe, conversações entre eu e a Capitã Pedrina. Entender as confluências entre essas unidades temáticas compostas por planos longos e curtos que foram se transformando em possibilidades de sequências foi fundamental para a composição do documentário que apresento.

A constituição dos "coladinhos" foi o primeiro passo da montagem propriamente dita. Utilizamos o software Adobe Première e um dos estúdios do Departamento de Comunicação Social, além do apoio técnico sensível de Filipe Bretas, cineasta e montador, que auxiliou nesse processo de construção do documentário. Com Filipe aprendi, inclusive, que a montagem tem vida própria. Partindo desse fato, foi interessante observar que diversas capturas que, quando fizemos, achei que casariam ou

seriam elencadas de forma harmônica, produziram outro efeito quando colocadas juntas no processo de montagem.

Nesse exercício de experimentação sensível, que foi dando vida ao documentário, ficou ainda mais evidente como os objetos-imagens têm vida, uma vez que, mesmo após a captura das imagens, quando íamos experimentar a montagem com alguns dos objetos, a exemplo do bastão, esses iam tomando o protagonismo da cena e do próprio tempo fílmico, o que não fora pensado inicialmente. Foram desdobramentos agenciados pelas imagens quando refinávamos o material. O bastão nos dizia, na mediação das imagens, que desejava transparecer seu agir comunicacional na festa e para todos que se relacionavam com eles. E assim o fiz, guiado pela espiritualidade e sensível ao que o material dizia. Fomos criando e dando forma à construção do tempo do filme, da combinação entre sons e imagens, que eles, objetos-imagem do Reinado, definiram reverberar.

Como se vê, o processo de montagem também seguiu os protocolos de um cinema verdade pouco interessado em roteiros ou numa representação fiel do real, mas fiel ao real das imagens, às pessoas filmadas, ao território e à ação sensível-invisível da espiritualidade. Pensamos, portanto, o real de forma bem estético-sensível, como são as coisas no Reinado, e os acessos espirituais se fizeram presentes, também, em forma de intuições e assim casamentos improváveis de imagens geraram encadeamentos importantes e o documentário foi tomando forma até chegar à versão final, dando conta do que se propôs a mostrar: a espiritualidade em ação, de diversas formas, encantando objetos e reverberando na cidade e na relação com as pessoas.

Um passo muito importante, nesse sentido das intuições, foi uma ideia que me ocorreu de gravar uma toada do Reinado, já citada aqui anteriormente. Ela diz assim:

*Oh capitão, capitão*  
*Papai morreu, mamãe já teve fim*  
*Vou pedir Nossa Senhora*  
*Vou pedir Nossa Senhora*  
*Pra tomar conta de mim*

Além da toada, chegou-me um "texto" mental completo sobre o que era o meu documentário. Gravei ambos imediatamente no meu celular. E essa gravação tornou-se um dos pontos de partida da montagem do documentário, figurando como áudio da sequência inicial. Não utilizei o texto em sua completude porque ele, de certa forma, era uma síntese explicativa do documentário, o que eu não desejava entregar ao espectador logo de cara. No processo de montagem dessa versão ainda tateante e inicial do filme, a água tornou-se um elemento muito forte, presente em diversos planos, cantos, cores e texturas. Nossa Senhora do Rosário apareceu no mar e, daí, o mar, a kalunga também apareceram com uma força inexplicável como elementos do filme.

Se procurarmos nos dicionários, sobretudo de línguas do tronco linguístico bantu, o termo kalunga encontraremos definições que versam sobre lugar sagrado, de proteção, terra que abriga. Todos esses termos fazem sentido e são aplicados nas religiões de matriz africanas como sinônimo de cemitério, podendo ser kalunga maior (mar) ou kalunga menor (cemitério). Existem outras atribuições possíveis, como falar do termo e relacioná-los a alguns espíritos, na Umbanda por exemplo. A compreensão que herdo e utilizo no trabalho é de lugar em que espíritos atuam, onde a energia circunda, para além do corpo que se perdeu. Nesse sentido, a kalunga como um lugar de habitação de espíritos, lugar onde vários corpos foram jogados dos navios negreiros e o lugar de domínio de Kaiaia Nkisi que tem o mar como regência, norteiam minha consciência filosófico-religiosa sobre o tema. A kalunga sendo, então, compreendida como um lugar de energia, de acúmulos ancestrais, de circulação de espíritos é também suporte dessa travessia hostil e criminosa do processo escravocrata. Os Reinadeiros sempre cantam:

*Eu não sou daqui,  
eu sou do lado de lá,  
eu vim do kalunga  
ouvindo sereia cantar.*

Vir desse lugar em que espíritos agem, corpos são entregues, mas que teve suporte e cuidado da senhora das águas salgadas. A kalunga, por assim dizer, é uma terra que abriga e que tem espíritos que agem. A travessia de kalunga, presente nos cantos, somou-se com os objetos-imagem de nosso Reino e a ancestralidade com a qual trabalhamos e vivemos, sussurrou aos nossos ouvidos transatlanticamente. O mar, imagem que não estava no bruto, precisava aparecer. Vimos uma sequência muito impressionante do filme experimental *Serpent Rain* (Arjuna Neumann; Denise Ferreira da Silva, 2016) que ajudou a consolidar algumas das escolhas de montagem nesse momento, especialmente o uso de efeitos como a fusão de imagens e a constituição de um plano dentro do plano. Tal momento trouxe-me outra toada:

*Samba*  
*samba mona me takubirakenan*  
*ae samba ô,*  
*samba mona me takubirakenan*  
*ae samba ô,*  
*Aruê sambê samba,*  
*samba mona me,*  
*mam'etu takubirakenan,*  
*aruê sambê samba*

E foi assim que a magia do Reinado somou-se à magia do cinema para fazer maravilhas no Rosário de Maria.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazer este trabalho foi desafiador em vários níveis. Primeiramente, porque ativa memórias e emoções e amplia conexões ancestrais importantes e que foram

fundamentais para o bom andamento do projeto. Em segundo lugar, porque mexe com forças espirituais parceiras e não parceiras que demandaram muita conexão com a espiritualidade que me acompanha, muita resiliência e trato no entendimento das dinâmicas de energia que eu sentia. Por vezes parecia densa, incômoda, de difícil prosseguimento, dada a influência de energias que sugam e que não desejavam a conclusão, mas igualmente e, ao mesmo tempo, energias que me amparavam e ajudavam a caminhar, sinalizavam caminhos, olhares, construções, palavras e formas. Tudo foi ganhando vida no relato, a partir, sobretudo, da comunicação direta com esses seres encantados que tanta força me trouxeram para chegar a esse desfecho de forma satisfatória e com a sensação de dever cumprido.

O trabalho em si é um grande esforço de síntese de uma história muito antiga e plena de rupturas violentas e atravessamentos externos que quebraram sua continuidade. Mas é também a síntese da re-existência desse tempo antigo dentro do tempo colonial-moderno, o que não é pouco. Apresentei a síntese conceitual sobre os Reinos negros no Brasil, já buscando diálogos interepistêmicos em diversas direções: entre os saberes do Reinado e as teorias acadêmicas sobre o Reinado, entre as noções acadêmico-artísticas de ferida colonial, racismo e negritude com a cosmopraxis do Reinado, que agencia uma cosmopolítica dos objetos-imagem. Assim, busquei, na dissertação e no documentário que é parte de sua produção, colocar mundos em comunicação ou realizar um experimento de comunicação intermundos pelas imagens.

Busquei um detalhamento na escrita no que tange ao adensamento dessa abordagem conceitual-prática. Nessa esteira, tratei de adensar as leituras das imagens nessa primeira síntese, sabendo que, sim, ainda há o que dizer e pesquisar porque o Reinado é gigantesco, mas esse recorte do todo foi o que pude evidenciar desse mundo enorme, pulsante e imprevisível do Reinado do Rosário, na Irmandade.

Busquei ver outros documentários sobre o Reinado e sobre outros temas. Trata-se de uma pesquisa formal, em que busquei tanto inspiração quanto modelos dos quais gostaria de me afastar ou ir além. Na dissertação, apresentei brevemente esses documentários, que foram muito importantes na orientação de rota, no entendimento do que já se produziu, em formatos em que me aproximei e distanciei e que forneceram

ideias importantes para a construção do meu. Não foi, portanto, um momento de análise fílmica mas de observação para o aprendizado de um tipo de linguagem, até então, totalmente novo para mim. O documentário com o qual mais me familiarizava era o de natureza jornalística, área onde realizei meus estudos de graduação. Apesar de ter as imagens dos objetos-imagens vivas em sua ação sobre meu corpo, de meus familiares diretos e coletivos reinadeiros, era um grande desafio dar forma e materialidade a um jeito de mostrá-las, considerando o cinema como um dispositivo complexo de produção de conhecimento e de sensibilidade.

Chego ao final deste trabalho com a certeza de que fiz o melhor possível, a partir da ideia inicial, e vibro com o resultado da pesquisa com o desejo de que ela seja um fato novo, um olhar diverso, uma forma de ver/perceber o Reinado de Nossa Senhora do Rosário como uma potência de comunicação intermundos que reverbera por imagens, por ações, por ritualísticas que são vivas e que têm na força da espiritualidade a força propulsora de tantas graças que as pessoas relatam obter a partir dela. Estar no Reinado, para além da configuração estética e poética, é uma resistência, um legado, uma responsabilidade de ação contínua que tem na espiritualidade e nos objetos-imagens sua força viva para fazer acontecer.

O que os processos de filmagem e edição evidenciaram foi que a vivacidade dos objetos-imagens do Reinado são sensíveis a olho nu, no âmbito da experiência, mas conseguem ultrapassar a barreira mediada das máquinas e apontar caminhos estéticos e sensíveis para continuar reverberando, emocionado, relacionando-se com quem assiste. Perceber o produto final evidenciando o que minha avó dizia, que meus tios dizem, de que o Reinado é força viva capaz de emocionar é muito gratificante!

Fazer comunicar mundos que, *a priori*, estavam distantes e evidenciar caminhos de compreensão dos saberes entre acadêmicos e espirituais é um ganho da ciência como um todo. Entender que não é incompatível relacionar ciência e espiritualidade; pelo contrário, que é um passo importante na valorização desses saberes/fazeres tradicionais é algo que orgulha, pois significa a materialização de uma crença que sempre tive.

Quanto ao documentário, pretendo agora cuidar de alguns procedimentos de pós-produção como a correção de cor e o desenho de som, além de colocá-lo em circulação para que possa alcançar muitos olhares, de dentro e de fora. Oxalá essa obra contribua para um novo olhar sobre os saberes tradicionais e que coloque o Reinado na esteira dos estudos sobre comunicação e imagem, como já fizeram outras pesquisas (ALTIVO, 2019; SANTOS, 2021), e sobre uma forma de ver/sentir o Reinado do Rosário, para além da beleza estética, que certamente possui, mas como guardião de segredos e energias ancestrais capazes de fazer sentir.

Essa pesquisa tem atravessamentos da colonialidade, como ocorre com a maioria dos negros e negras, sobretudo, periféricos que não podem se dedicar, exclusivamente, à pesquisa, às contemplações, ao adensamento e mergulho no tema em função de ter que, ao mesmo tempo em que pesquisa, criadores de mecanismos de manutenção da existência, de formas criativas de contabilidade para honrar os compromissos mensais e isso gera um esforço ainda maior no que tange aos desdobramentos da pesquisa. Apesar disso, é muito bom perceber que foi possível, em alto nível, propor e sistematizar a análise do que me propus no início. É extremamente desafiador a qualquer jovem negro e negra assumir o papel de pesquisador/pesquisadora nessas condições, mas igualmente incrível perceber que o desafio produziu bons frutos, como acredito ser o caso dessa pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Caroline. A centralidade de um olhar à margem: paisagens verticais do cinema brasileiro contemporâneo. **Compós**, 2019 (Congresso).

ALTIVO, Bárbara. O Rosário dos kamburekos: espirais de cura da ferida colonial pelas crianças negras do reinadinho de Oliveira -MG. **Tese** (Doutorado Comunicação Social) - PPGCOM-UFMG). Belo Horizonte, UFMG, 2019.

AS ESTÁTUAS TAMBÉM MORREM (Chris Marker, Alain Renais, 1953). Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=9mGJEZehY4U&ab\\_channel=VideotecaPopular](https://www.youtube.com/watch?v=9mGJEZehY4U&ab_channel=VideotecaPopular) Acesso: 20 mar. 2022

AVA YVY VERA/TERRA DO POVO DO RAIÓ (Genito Gomes, Jhon Nara Gomes, Jhonathan Gomes, Sara Brites, Joilson Flores, Dulcídio Gomes e Edna Ximene. 2016). Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=UkoV-Lu-9Dw&ab\\_channel=Associa%C3%A7%C3%A3oA%C3%B1etete](https://www.youtube.com/watch?v=UkoV-Lu-9Dw&ab_channel=Associa%C3%A7%C3%A3oA%C3%B1etete) Acesso: 20 mar. 2022

CONGADO: UM REINO OCULTO NO BRASIL PROFUNDO - DOCUMENTÁRIO (oficial).

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xVtAmQaJgdM> Acesso: 20 mar. 2022

CONGO (Arthur Omar, 1972). Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=DP53o3gnS0M&ab\\_channel=Vin%C3%ADciusFernandes](https://www.youtube.com/watch?v=DP53o3gnS0M&ab_channel=Vin%C3%ADciusFernandes) Acesso: 20 mar. 2022

COROAÇÃO DE UMA RAINHA (Arthur Omar, 1993). Disponível em:

<https://filmow.com/a-coroacao-de-uma-rainha-t191297/> Acesso: 20 mar. 2022

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Bahia: Editora Edufba, 2008.

FIGUEROA, Júlio Vitorino. Incitando o cinema que incita: o filme como gerador sensível de encontros de saberes com adolescentes sob medidas socioeducativas. (Tese de Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2021.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira”. In: Silva, Luiz Antônio Machado *et alii*. **Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos**. Brasília, ANPOCS, p. 223-44. (Ciências Sociais Hoje, 2.).

HARTMAN, Saidyia. **Vidas Rebeldes, Belos Experimentos**. São Paulo: Editora Fósforo, 2022.

hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019a.

hooks, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Elefante, 2019b.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019

- LUCAS, Glaura. **Os sons do Rosário: O Congado mineiro dos Arturos e Jatobá.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- MARTINS, Leda. **Afrografias da memória: O Reinado do Rosário no Jatobá.** Belo Horizonte: Mazza Edições, São Paulo: Perspectiva, 1997.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica.** 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- MIGLIORIN, Cezar. Documentário recente brasileiro e a política das imagens. In: MIGLIORIN, C. (org.). **Ensaio no Real: o documentário brasileiro hoje.** Rio de Janeiro: Editora Azougue, 2010.
- MUNANGA, Kabengele. **Negritude: Usos e sentidos.** 4ª ed. 2 reimp. - Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2020.
- NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- OLIVEIRA, L., MENDES, F., SANTOS, W.L.O., SANTOS, E. Lutas por autodefinição de subjetividades negras em contextos organizacionais: racismo, autoimagem e resistências afrodiáspóricas. **REVISTA ORGANICOM**, ANO 18, N. 36, p. 225-237, MAIO/AGOSTO 2021.
- OLIVEIRA, Luciana de; ALTIVO, Bárbara Regina; FIGUEROA, Júlio Vitorino. Pensar a Comunicação Intermundos: fóruns cosmopolíticos e diálogos interesistêmicos. **Galáxia** (São Paulo, online), ISSN: 1982-2553. Publicação Contínua. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-2553202147910>. Nº 46, 2021, pp.1-17.
- PINTO, Valdina. **Meu caminhar, meu viver.** Salvador: Sepromi, 2015.
- RAMOS, Fernão Pessoa. Cinema Verdade no Brasil. In: TEIXEIRA, Francisco Elinaldo (org.). **Documentário no Brasil: tradição e transformação.** São Paulo: Summus, 2004
- RUBIÃO, Fernanda Pires. Os negros do Rosário: memórias, identidades e tradições no congado de Oliveira (1950-2009). Universidade Federal Fluminense (**Dissertação de Mestrado**), 2010.
- RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas.** Rio de Janeiro: Editora Mórula, 2019.
- SANTOS, Juana Elbein dos. **Os Nagô e a Morte: Pàde, Àsèsè e o Culto Égun na Bahia.** Petrópolis, Vozes, 2008.
- SANTOS, Pedrina de Lourdes. Relatos, vivências e ensinamentos transmitidos em situações diversas via oralidade (s/d)
- SANTOS, Pedrina de Lourdes. **Eu tenho a África dentro de mim.** Belo Horizonte: Selo PPGCOM/UFMG, 2022.
- SANTOS, Ester Antonieta. **Põe Sentido: Das performances orais ao livro: poéticas-saberes-resistências de Pedrina de Lourdes Santos.** Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - PPGCOM/UFMG, Belo Horizonte, UFMG, 2021.

SANTOS, Ester Antonieta, OLIVEIRA, Luciana de (org.). **Meu Rosário, Minha Guia: A trajetória da Capitã Pedrina de Lourdes Santos**. Belo Horizonte: Selo PPGCOM/UFMG, 2022.

SILVA, Denise Ferreira da. **A dívida impagável**. São Paulo: Casa do Povo, 2019.

STAM, Robert. **Introdução à teoria do cinema**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

XAVIER, I. **O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.